



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE NA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA NOS
ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

SORAYA RAMOS NOGUEIRA

**JOÃO PESSOA- PB
2019**

SORAYA RAMOS NOGUEIRA

**A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE NA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA NOS
ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, do Centro de Educação (CE), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Edson Carvalho Guedes

**JOÃO PESSOA - PB
2019**

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

N778i Nogueira, Soraya Ramos.

A influência da afetividade na aprendizagem da criança nos anos iniciais do ensino fundamental / Soraya Ramos Nogueira. - João Pessoa, 2019.

58 f.

Orientação: Edson Carvalho Guedes.
Monografia (Graduação) - UFPB/CE.

1. Afetividade 2. Aprendizagem 3. Ensino Fundamental.
I. Guedes, Edson Carvalho. II. Título.

UFPB/BC

SORAYA RAMOS NOGUEIRA

A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE NA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, do Centro de Educação (CE), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

APROVADA EM:

09/05/2019

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Edson Carvalho Guedes – Orientador (UFPB)



Profa. Dra. Maira Lewichuk Espindola (UFPB)



Prof. Dr. Rodrigo Silva Rosal de Araújo (UFPB)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por se fazer presente em minha vida em todos os momentos, me dando força e coragem para concluir a graduação e realizar um desejo do meu coração.

As minhas filhas Isabela e Beatriz que são fontes do amor imenso que existe dentro de mim e que contribuíram para meu amadurecimento depois que me tornei mãe, na busca de ser uma pessoa cada vez melhor.

A minha mãe Edileuza, por se fazer presente todo o tempo, com suas preocupações e me auxiliando com as minhas filhas sempre que precisei.

Ao meu esposo Thiago, pelo apoio e parceria na realização desse meu sonho e por sempre admirar a profissão que escolhi para minha vida.

A minha irmã Eutália por sua presença em minha vida e pela amizade.

Aos meus familiares que de alguma forma sempre acreditaram nos meus esforços e na concretização deste trabalho.

A professora Vívía de Melo, que me incentivou a retornar aos estudos depois do nascimento da minha primeira filha, serei eternamente grata.

Ao professor e orientador Edson Guedes, pela disposição e apoio no processo de construção e na finalização desse trabalho.

Aos professores, Prof. Dra. Maíra Lewtchuk Espindola e o Prof. Dr. Rodrigo Silva Rosal de Araújo pela presença e gentileza em fazer parte da banca examinadora.

A minha amiga Thayná Laís pela pessoa iluminada e de um coração bondoso que tive o prazer de conviver durante nossa caminhada, e que se tornou uma pessoa importante e especial em minha vida.

As amigas Jossimary Virgolino, Jéssica Rodrigues, Miriam Oliveira, pela parceria durante todo o curso que foi muito importante para meu crescimento.

Aos professores que ao longo do curso contribuíram na construção dos conhecimentos importantes para minha carreira profissional.

Aos amigos e amigas que constitui ao longo dessa caminhada e que direta e indiretamente contribuíram para minha formação.

A todos, minha gratidão!

RESUMO

A afetividade é um tema relevante que se faz presente na vida do ser humano desde o primeiro contato do bebê com sua mãe através do afeto e do carinho e que perpassa todo o seu desenvolvimento, nos aspectos cognitivos, emocionais e sociais. Neste sentido, a dimensão afetiva também tem sua participação no contexto educacional, visto a necessidade da formação do aluno na sua totalidade, contribuindo em um processo de aprendizagem que o capacite a construir suas percepções e seu posicionamento acerca da realidade em que vive. Esta pesquisa foi realizada a partir de leituras sobre a afetividade e sua abordagem relacionada à educação, ocorridas ao longo do curso de Pedagogia. Diante da necessidade de superar o conceito de afetividade relacionado somente as formas de amor e carinho existentes na relação entre professor e aluno, a afetividade foi adotada como objeto principal da pesquisa. Por conter em sua estrutura, a importância no desenvolvimento da criança, especificamente no contexto escolar, em que o professor tem um papel de referência na vida do aluno e com isso contribui no processo de construção do conhecimento, ao qual realiza também interações tanto com o professor como também com seus pares. Utilizando como pressupostos teóricos, Henri Wallon com sua teoria sobre a formação do ser humano e Jean Piaget com a Epistemologia Genética, buscamos na indissociabilidade, compreender a afetividade e o aspecto cognitivo que ocorre na construção do indivíduo descrevendo suas etapas e processos necessários para a evolução do conhecimento da criança. Adotamos a metodologia qualitativa, investigando a opinião de professoras do 1º e 2º ano dos anos iniciais do ensino fundamental de uma Escola Municipal de João Pessoa, Paraíba, sobre suas experiências em sala de aula. Para instrumento de coleta de dados, fizemos uso de questionário e entrevistas. Constatamos, com os resultados obtidos, que a afetividade é capaz de mover a aprendizagem e que diante de situações positivas ou negativas vivenciadas pelo aluno, poderá leva-lo a sentimentos de sucesso ou de fracasso, o que pode dificultar seu processo de aprendizagem. O aluno necessita de experiências que possa encorajá-lo para a realização das atividades com a mediação do professor para auxiliar sempre que necessário.

Palavras-chave: Afetividade. Aprendizagem. Ensino fundamental.

ABSTRACT

The affectivity is a relevant theme that is present in the life of the human since the baby's first contact with his mother through love and affection that permeates all his development, in the cognitive, emotional and social aspects. From this, the affective dimension also has its participation in the educational context, given the need to train the student is its totality, contributing in a learning process that enable the build their perceptions and your position about the reality in which he lives. This research was conducted from readings about the affectivity and its approach related to education, occurred during the course of degree in Pedagogy. Faced with the need to overcome the concept of affectivity relates only the forms of love and affection existing in the relationship between teacher and student, affectivity was adopted as the main object of the research. Containing in its structure, the importance in the development of the child, specifically in the school context, in which the teacher has a reference paper on student life and contributes to the process of knowledge construction, to which also interactions both with the teacher as well as with their peers. Using theories of the authors, Henri Wallon with his theory on the formation of the human being and Jean Piaget with the study on Genetic Epistemology, we seek the inseparability (Wallon) or inseparable (Piaget), understand the affectivity and the cognitive aspect that occurs in the construction of the individual describing its stages and processes necessary for the evolution of the child's knowledge. We adopted the qualitative methodology, investigating the opinion of teachers of the 1st and 2nd grade (the initial years) of Elementary School in a Municipal School of João Pessoa, Paraíba, about their experiences in the classroom. For the instrument of data collection, we used a questionnaire and interviews. We note with the results obtained that affectivity is able to move learning and that in the face of positive or negative situations experienced by the student, that lead to feelings of success or failure, which can hamper your learning process. The student needs experiences that can encourage him to carry out the activities with the teacher's mediation to assist whenever necessary.

Keywords: Affectivity. Learning. Elementary School.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	10
2.1 TIPO E NATUREZA DA PESQUISA.....	10
2.2 LOCAL DA PESQUISA.....	11
2.3 UNIVERSO DA PESQUISA.....	11
2.4 SUJEITOS DA PESQUISA E AMOSTRA DA PESQUISA	11
2.5 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	12
2.6 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	12
2.7 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS DA PESQUISA DE DADOS	13
3. UM OLHAR ACERCA DA AFETIVIDADE.....	14
3.1 SOBRE O CONCEITO DE AFETIVIDADE	14
3.2 A AFETIVIDADE NA FORMAÇÃO DO SER HUMANO A PARTIR DA TEORIA DE HENRI WALLON.....	15
3.3 A AFETIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA: UMA PERSPECTIVA A PARTIR DE JEAN PIAGET.....	19
4. AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM.....	23
4.1 AFETIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM	24
4.2 AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO	27
4.3 ANOS ESCOLARES ABORDADOS (1º ANO E 2º ANO).....	29
4.4 ALGUNS ASPECTOS DA CRIANÇA DOS SEIS AOS OITO ANOS	30
5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	32
5.1 PERFIL DAS PROFESSORAS PARTICIPANTES	32
5.2 RELAÇÃO ENTRE AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM.....	33
5.3 RELAÇÃO AFETIVA ENTRE PROFESSOR E ALUNO.....	39
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	53
APÊNDICES	56

1. INTRODUÇÃO

A afetividade é um tema relevante que está presente na vida do ser humano desde o primeiro contato do bebê com sua mãe através do afeto e do carinho, perpassando todo o seu desenvolvimento, nos aspectos cognitivos, emocionais e sociais. Neste sentido, a dimensão afetiva também tem sua participação no contexto educacional, visto a necessidade da formação do aluno na sua totalidade, contribuindo em um processo de aprendizagem que o capacite a construir suas percepções e seu posicionamento acerca da realidade em que vive.

Realizada a partir de leituras sobre a afetividade e sua abordagem relacionada à educação, esta pesquisa tomou forma durante o curso de Pedagogia. Diante às inquietações sobre o tema, surge o interesse por perceber a necessidade de superar o conceito da afetividade relacionado somente as formas de amor e carinho, coexistentes na relação entre professor e aluno. Acreditamos que a dimensão afetiva excede esses aspectos, pois se trata de um tema pertinente na contemporaneidade.

Outro aspecto, relacionado diretamente às experiências da vida pessoal da pesquisadora, motivara o iniciar da pesquisa, pois a vivência de determinadas situações bloquearam, durante a trajetória escolar, o desempenho em sala de aula. A falta de entusiasmo em relação à professora, com fatos relacionados à postura em sala de aula, bem como, a falta de atenção com os alunos – lembranças que estão presentes na memória até hoje.

Adotamos a afetividade como objeto de pesquisa, por sua importância no desenvolvimento da criança, especificamente no contexto escolar, em que o professor tem um papel de referência na vida do aluno. Com isso, verificamos como o professor contribui para que o mesmo se sinta capaz e seguro no processo de construção do conhecimento, ao qual realiza também interações tanto com o professor como também com seus pares.

Considerando a infância uma fase importante no desenvolvimento do indivíduo nos aspectos cognitivos, sociais e afetivos, utilizamos como pressupostos teóricos, Henri Wallon com sua teoria sobre a formação do ser humano, e Jean Piaget com a Epistemologia Genética. Ambos os autores que trabalham com a indissociabilidade entre a afetividade e o aspecto cognitivo que ocorre na construção do indivíduo, descrevendo suas etapas e processos necessários para a evolução do conhecimento da criança.

Este trabalho possui relevância teórica e do ponto de vista pedagógico, pois compreender a partir das concepções realizadas pelas professoras, direcionando o olhar para a sua formação e as suas experiências em sala de aula, entre outros aspectos, para que possamos verificar como a afetividade influencia nos processos de aprendizagem das crianças que estudam nos anos iniciais do ensino fundamental. Por isso, espera-se que este estudo possa auxiliar a realização de futuras pesquisas que queiram utilizá-lo como contribuição para um aprofundamento da temática.

Dessa forma, buscamos solucionar a questão afetiva e sua importância na aprendizagem, com o seguinte questionamento: Qual a visão das professoras sobre a influência da afetividade no processo de aprendizagem da criança nos anos iniciais do ensino fundamental? Sendo esse o objetivo geral, que tem também como objetivos específicos: compreender a afetividade na formação do ser humano; compreender a relação entre a afetividade e a aprendizagem; e analisar a influência da afetividade na aprendizagem da criança em sala de aula.

De acordo com os objetivos estabelecidos, organizamos a pesquisa em seis partes no qual a primeira e segunda parte corresponde a essa introdução, a caracterização do campo de pesquisa e o percurso metodológico adotado. A terceira parte aborda a teoria de Henri Wallon e Jean Piaget¹ sobre a afetividade e sua relação com o desenvolvimento do ser humano. Já na quarta parte temos a apresentação da relação entre a afetividade e o desenvolvimento da aprendizagem, a relação entre professor e aluno, os anos escolares abordados e o perfil das crianças que frequentam o 1º ano e o 2º ano do ensino fundamental para entendermos as características e os desafios encontrados.

Na quinta parte, surge a análise e discussão dos dados coletados, apresentando o resultado da pesquisa realizada com professoras dos anos iniciais do ensino fundamental e suas concepções provenientes de suas experiências em sala de aula, sobre a influência da afetividade na aprendizagem das crianças. Com isso, compreendemos a relevância da temática e sua contribuição na vida do aluno. Por fim, apresentamos as considerações finais, com as impressões sobre a pesquisa realizada, explanando as questões consideradas importantes para o problema inicial da temática.

¹ Para a pesquisa, utilizamos os seguintes livros de Henri Wallon: *A evolução psicológica da criança* (1968); *As origens do pensamento na criança* (1989). E os de Jean Piaget: *O nascimento da inteligência na criança* (1986); *Seis estudos de psicologia* (1999).

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 TIPO E NATUREZA DA PESQUISA

Diante da finalidade proposta, esta investigação pode ser caracterizada, como uma pesquisa descritiva, pois de acordo com Maria Oliveira (2010, p. 68), “[...] o estudo descritivo permite o desenvolvimento de uma análise para identificação dos fenômenos [...]”, sendo assim, pretendemos descobrir a influência da afetividade no processo de aprendizagem, levando em consideração, o desenvolvimento da criança, a prática educativa e as relações afetivas construídas no âmbito escolar, “[...] para conhecer a sua natureza, sua composição, processos que constituem ou nele se realizam [...]” (RUDIO, 1986, p. 71).

Utilizamos também a pesquisa exploratória, por se caracterizar no “[...] desenvolvimento e esclarecimentos de ideias, com objetivo de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno.” (GONSALVES, 2018, p. 120), para que os dados elementares possam servir de base para a realização de estudos aprofundados sobre o tema, considerando também, de acordo com Maria Andrade (2007), que se trata de uma pesquisa que levanta questionamentos e com necessidade de uma análise mais detalhada - o que irá auxiliar na fundamentação do tema discutido. Com isso, analisamos a afetividade como uma temática pertinente dentro e fora do contexto escolar, que influencia na construção do indivíduo e a forma que se relaciona com o mundo.

De acordo com a natureza das fontes, usamos a pesquisa de campo que

[...] assim é denominada porque a coleta de dados é efetuada "em campo", onde ocorrem espontaneamente os fenômenos, uma vez que não há interferência do pesquisador sobre eles (ANDRADE, 2007, p. 117).

Diante disso, buscamos as informações no espaço escolar de forma direta, para obter e reunir os dados necessários para a pesquisa, apresentando a compreensão do papel da afetividade na aprendizagem das crianças a partir da visão dos professores.

Em relação à natureza da pesquisa, se trata de uma investigação de caráter qualitativa, por utilizar métodos que representam as análises adquiridas de forma descritiva dos dados obtidos através da interpretação e compreensão do fenômeno no processo de aprendizagem (OLIVEIRA, 2010).

2.2 LOCAL DA PESQUISA

O estudo foi realizado na Escola Municipal Educar e Aprender², que atende pela manhã, crianças dos anos iniciais do ensino fundamental, e no turno da tarde, adolescentes dos anos finais do ensino fundamental.

A estrutura física da escola é composta por: 10 salas de aula, 01 sala dos professores, 01 sala de recursos multifuncionais, 01 diretoria, 01 sala de apoio ao aluno (SOE), 01 biblioteca, 01 laboratório de informática, 01 laboratório de ciências, 07 banheiros, 01 refeitório e 01 quadra poliesportiva, estando localizada em um bairro de classe média na cidade de João Pessoa – PB.

A motivação da escolha do local se deu a partir do conhecimento da região, por ser o mesmo bairro que reside. Facilitando não só o deslocamento, mas a compreensão de alguns fatores que estivessem de alguma forma interligados ao processo da pesquisa, diante a estrutura local de residências e a classe social.

2.3 UNIVERSO DA PESQUISA

A Escola Municipal “Educar e Aprender”² é composta por professores, alunos e por vários profissionais que participam do processo educacional, dando apoio pedagógico necessário conforme cada área em que exercem suas funções, como: Diretor, coordenador, secretário, bibliotecário, merendeira, serviços gerais. Todos atuam no contexto escolar a fim de obter resultados no desenvolvimento educacional das crianças.

2.4 SUJEITOS DA PESQUISA E AMOSTRA DA PESQUISA

Os sujeitos presentes são formados por professoras do 1º ano e do 2º ano dos anos iniciais do ensino fundamental, no qual identificamos as concepções acerca da afetividade nas relações entre professor-aluno, na aprendizagem e a concepção do professor a partir de suas experiências em sala de aula, que fundamentam a construção desta pesquisa.

A amostra adotada do tipo intencional consiste na seleção de um determinado subgrupo a fim de obter as informações necessárias que possa representar toda a população (GIL, 2008). A escola possui 02 (duas) turmas de Primeiro Ano e 02 (duas) do Segundo

² Nome da escola fictício para que seja mantido o anonimato das pessoas envolvidas na pesquisa.

Ano. Ao todo, são 04 (quatro) professoras envolvidas nos processos de ensino-aprendizagem destas turmas. Optamos por aplicar o questionário e a entrevista a todas às quatro professoras.

Dos questionários distribuídos, obtivemos 04 (quatro) questionários válidos e 04 (quatro) entrevistas realizadas, ou seja, cem por cento do total das professoras. Para preservar a identidade das professoras serão chamadas de 01, 02, 03 e 04.

2.5 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Com a finalidade de descrever de forma técnica as características dos sujeitos participantes desta pesquisa, aplicamos questionários fechados para as professoras responderem as perguntas relacionadas ao seu perfil acadêmico e profissional, pois isso “facilita a tabulação das respostas” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 110),

Aplicamos também a entrevista semiestruturada, com roteiro de apoio com perguntas em que o entrevistador tem a possibilidade de complementar com outras informações, auxiliando o entrevistado. Assim, há liberdade para expor seu ponto de vista de forma mais direta e objetiva possível, já que “são informações que tratam da reflexão do próprio sujeito sobre a realidade que vivencia” (MINAYO, 2013, p. 262).

Dessa maneira, os dois instrumentos utilizados são essenciais para a coleta de dados e análise desejada sobre o tema em questão.

2.6 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

De posse de todo material coletado, com a realização através de entrevistas e questionários na pesquisa de campo, retomamos o referencial teórico que conforme Oliveira (2010) expõe a necessidade do material bibliográfico é fundamental para o embasamento da análise dos dados, sendo organizado em forma de categorização desses instrumentos, considerando o que foi de grande contribuição para a resposta do problema feito no início da pesquisa.

Com isso, analisamos todos os dados coletados e construímos interpretações que após análises, apresentamos de forma clara, a influência da afetividade na aprendizagem das crianças nos anos iniciais do ensino fundamental.

2.7 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS DA PESQUISA DE DADOS

A pesquisa respeita todos os aspectos éticos previstos na resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, que recomenda o sigilo e a garantia do anonimato em qualquer outro meio que possa causar constrangimento aos sujeitos pesquisados.

Esse estudo fora realizado mediante assinatura do Termo de Consentimento e Livre Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE A), e a escola fora informada dos objetivos do estudo, sendo garantido o acesso a todos os resultados obtidos.

3. UM OLHAR ACERCA DA AFETIVIDADE

Em nossas vidas nos deparamos com pessoas que de alguma forma influenciam de maneira positiva ou negativa no nosso desenvolvimento, tanto no contexto social, emocional e cognitivo. Diante disso e como poderá ser visto neste capítulo, abordamos a compreensão da afetividade no contexto educacional, o qual se constitui categoria central desta pesquisa.

3.1 SOBRE O CONCEITO DE AFETIVIDADE

A afetividade é definida, segundo o dicionário Michaelis (2019) como “1. Qualidade ou caráter daquele que é afetivo. 2. Psicol. Conjunto de fenômenos psíquicos que se revelam na forma de emoções e de sentimentos. 3. Psicol. Capacidade do ser humano de reagir prontamente às emoções e aos sentimentos.”.

Partindo do significado apresentado acima, compreendemos a afetividade, que deriva das palavras, *afeto* e *afetivo*, como as possibilidades que o indivíduo tem de ser afetado, de se mobilizar, de se motivar, ser impulsionado e tocado em todos os aspectos do seu desenvolvimento social, emocional e cognitivo. O termo também “refere-se à capacidade, à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo e interno por meio de sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis” (MAHONEY; ALMEIDA, 2014, p. 17).

O conceito de afetividade possui um importante papel nos processos de aprendizagens do ser humano, pois situa a pessoa na relação com os(as) outros(as) e com o ambiente. Assim como para Diva Ranghetti (2002, p. 88),

Ser aceito e valorizado como ser que pensa, sente, conhece, apresenta-se como o alicerce de uma relação educativa em que a *afetividade* se faz presente. O eu com todas as suas representações infere e é inferido por intermédio das relações/interações que estabelecem na processualidade de fazer-se em meio à coletividade. É a *afetividade* que desenha o grau de intensidade que o nosso eu infere sobre o objeto a conhecer.

A afetividade é como um conjunto de emoções e sentimentos que influenciam o ser humano nas suas relações com o mundo. Estudos como os de Wallon (1968), atestam a indissociabilidade do indivíduo nos aspectos afetivos e cognitivos.

Portanto, precisamos considerar a integralidade de cada um, com ênfase às relações sociais construídas ao longo da vida. Principalmente no espaço escolar, meio em que a criança inicia suas interações com o professor, com outras crianças e com os objetos de conhecimento (conteúdos escolares).

É a partir dessas relações que o indivíduo se constrói. É no decorrer do seu desenvolvimento que a afetividade se faz presente, trazendo uma pluralidade de emoções e sentimentos que se manifestam de acordo com as situações vivenciadas. Nesse caso, o meio em que o ser humano vive influencia diretamente no seu desenvolvimento em qualquer área de sua vida.

Buscando alargar o conceito de afetividade e a relação desta com a formação do indivíduo, apresentamos uma reflexão de Wallon (1968; 1986) sobre a concepção de afetividade e sua influência na formação do ser humano. Ainda neste capítulo, abordaremos também a teoria de Piaget (1986; 1999) sobre a afetividade e o desenvolvimento psicológico da criança, em suas dimensões afetiva e cognitiva. Acreditamos que tais teorias contribuam para analisar a influência da relação afetiva no processo de aprendizagem das crianças, que é o objetivo geral desta pesquisa.

3.2 A AFETIVIDADE NA FORMAÇÃO DO SER HUMANO A PARTIR DA TEORIA DE HENRI WALLON

Com uma ampla formação acadêmica, Henri Paul Hyacinthe Wallon (1879-1962) foi filósofo, psicólogo, médico e político francês. Se dedicou inteiramente à psicologia, seja por meio da pesquisa científica no trabalho clínico, no atendimento a crianças com deficiências neurológicas ou em instituições psiquiátricas. A partir do seu trabalho como médico do exército na Primeira Guerra Mundial desenvolveu pesquisas sobre a neurologia e o desenvolvimento humano, com ênfase na relação entre as dimensões afetivas e cognitivas, a qual considerava indissociável e que acontece no decorrer de toda a vida do indivíduo.

Wallon (1986) define a afetividade a partir de sua teoria baseada na Psicogênese, no estudo da pessoa completa, considerando a emoção como elemento importante no desenvolvimento e na construção do conhecimento do ser humano. Para Wallon (1986), a afetividade atua juntamente com a dimensão cognitiva e sensório-motora do indivíduo. Para o autor,

A afetividade não é apenas uma das dimensões da pessoa, ela é também uma fase do desenvolvimento, a mais arcaica. O ser humano foi logo que saiu da vida puramente orgânica um ser afetivo. Da afetividade diferenciou-se lentamente, a vida racional. Portanto, no início da vida, afetividade e inteligência estão sincronicamente misturadas com predomínio da primeira. (WALLON, 1986, p. 120).

Verificamos segundo o autor, que a afetividade ocorre durante todo o processo de desenvolvimento humano e que é marcado pelos aspectos cognitivos com predominância da dimensão afetiva na construção da inteligência da criança.

Ainda segundo a concepção walloniana, “[...] o meio é um complemento indispensável ao ser vivo. Ele deverá corresponder a suas necessidades e as suas aptidões sensório-motoras, e depois, psicomotoras [...]” (WALLON *apud* MAHONEY; ALMEIDA, 2005, p. 7), assim a interação entre o indivíduo e o meio em que está inserido contribui para sua formação juntamente com as dimensões afetivas, cognitivas e a motora.

Na concepção walloniana trazida por Mahoney e Almeida (2005), os domínios funcionais correspondem às três dimensões: afetiva, cognitiva e sensório-motora. Possuindo relação direta com o desenvolvimento da criança.

A afetividade ocorre desde o primeiro contato do bebê com sua mãe através do afeto, do carinho, da atenção, dos seus primeiros reflexos, e é responsável pela emoção, sentimento e a paixão que se apresentam ao longo da evolução da criança, correspondendo também às reações internas e externas de cada um. Para Wallon (1968), a emoção, o sentimento e a paixão estão dentro da afetividade. Entretanto, a dimensão afetiva não se refere apenas a isso, são parte também uma gama de sensações que interferem na formação do indivíduo e na forma como enxergam a realidade.

A emoção é a exteriorização da afetividade. Por meio da expressão corporal e motora a criança se comunica com o mundo físico. Nessa comunicação, ela dá ênfase e intensidade aos sentimentos de alegria, medo, tristeza e/ou raiva. A cada conquista, cada descoberta que vivencia seu corpo reage de maneira diferente e expressa o que sente, seja por meio da alteração dos batimentos cardíacos, da sudorese, da expressão facial, etc.

O sentimento é a representação da afetividade, que ocorre através de gestos e da linguagem sem reações instantâneas e diretas, sendo mais duradouros. Nesse caso, a pessoa pensa antes de agir, compreende e tem um entendimento melhor para vivenciar sua realidade.

A paixão ocorre com o autocontrole, em que a criança quer ter domínio de uma situação. Sendo caracterizada por ciúmes, exigências e exclusividades.

A dimensão motora está relacionada ao movimento do corpo da criança, sendo um meio de interação com o mundo que o cerca e marcado pela construção de conhecimento e de autonomia.

A dimensão cognitiva é o conjunto de conhecimentos e adaptações que a criança passa e que contribui para seu desenvolvimento de maneira progressiva, sendo capaz de registrar fatos vividos, refletir sobre o presente e imaginar o futuro.

Compreendendo todas estas dimensões apresentadas por Wallon, tratamos dos cinco estágios, considerados importantes nas etapas de evolução da criança. Todavia, assim como afirma Izabel Galvão (1995, p. 28), “[...] o ritmo pelo qual se sucedem as etapas é descontínuo, marcado por rupturas, retrocessos e reviravoltas [...]”. Com isso, verificamos que na visão de Wallon, a afetividade não é linear, se trata de um processo que está além dos fatores internos de cada um. Devemos considerar os fatores externos que acontece com a criança, relacionando com o meio e as pessoas à sua volta. Pois assim, entenderemos a forma como são afetados pelos fatos e as circunstâncias que fazem parte do seu ambiente.

A teoria walloniana do desenvolvimento infantil compreende cinco estágios: o impulsivo-emocional, o estágio sensório-motor e projetivo, o personalismo, o categorial e o período da adolescência. Apresentamos a seguir, cada um destes estágios elaborados por Wallon a partir do texto de Galvão (1995), visto que este autor expõe de forma didática os vários estágios, acompanhados das respectivas características.

Primeiro estágio: impulsivo-emocional - ocorre desde o nascimento até por volta de um ano de idade. Nesse estágio, se destaca a emoção como forma de comunicação e interação do bebê com as pessoas, através do choro e do sorriso.

Segundo estágio: sensório-motor e projetivo - acontece até o terceiro ano de vida. A criança passa a se interessar pelo mundo ao seu redor e de explorar os espaços, garantindo com isso autonomia na descoberta e manuseio de objetos. Nesse estágio, predomina o aspecto cognitivo, pois a criança através da sua relação com o meio exterioriza seus pensamentos através de gestos e símbolos.

Terceiro estágio: personalismo - decorre dos três aos seis anos de idade, segundo Wallon (*apud* GALVÃO, 1995, p. 31) é a fase da formação da personalidade. “A construção da consciência de si, que se dá por meio das interações sociais, reorienta o interesse da criança para as pessoas, definindo o retomo da predominância das relações

afetivas [...]”. Diante disso, a criança passa a se opor diante da fala de um adulto, apresentando seus aspectos pessoais e sua autoconsciência ao se comunicar.

Quarto estágio: categorial - transcorre por volta dos seis anos de idade, se destaca pelo desenvolvimento intelectual em que a criança tem a capacidade de selecionar o seu interesse pelas coisas e pelo conhecimento que tem do mundo.

Quinto estágio: adolescência - sucede por volta dos onze anos de idade, em que a criança passa por transformações físicas e psicológicas na busca pela autoafirmação, sendo uma fase marcada por conflitos internos e externos.

Diante de cada estágio temos o que Wallon (*apud* GALVÃO, 1995, p. 31) denomina de predomínio funcional:

O predomínio do caráter intelectual corresponde às etapas em que a ênfase está na elaboração do real e no conhecimento do mundo físico. A dominância do caráter afetivo e, conseqüentemente, das relações com o mundo humano, correspondem às etapas que se prestam à construção do eu.

De acordo com Wallon (2007), a afetividade é influenciada pelas relações sociais, desde o início da vida, as manifestações surgem para o bebê se comunicar e são de base orgânica. Por esse motivo, é possível afirmar que a afetividade e a cognição ocorrem de forma progressiva, sem perder as conquistas do estágio anterior. A dimensão afetiva que começa do nascimento se manifesta de forma diferenciada no decorrer dos estágios, com a presença de emoções, sentimentos e paixões conforme os estímulos e a influência do meio em que:

Apesar de alternarem a dominância, a afetividade e cognição não se mantêm como funções exteriores uma à outra. Cada uma, ao reaparecer como atividade predominante num dado estágio, incorpora as conquistas realizadas pela outra, no estágio anterior, construindo-se reciprocamente, num permanente processo de integração e diferenciação (GALVÃO, 1995, p. 31).

As transformações que a criança experimenta ao longo do seu desenvolvimento são marcadas por progressos, conflitos e retrocessos para que a mesma alcance a maturação e adaptação necessárias para se relacionar com o meio em que vive. Nesse caso, “[...] é contra a natureza tratar a criança fragmentariamente. Em cada idade, ela constitui um conjunto indissociável e original.” (WALLON, 1968, p. 233). Com isso, afirmamos que a

criança necessita ser vista por completa para que se desenvolva e possa se adaptar a todas as situações vividas.

3.3 A AFETIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA: UMA PERSPECTIVA A PARTIR DE JEAN PIAGET

Jean Piaget (1896–1980) foi um psicólogo suíço e importante estudioso da pedagogia infantil com grandes contribuições em suas obras, apresentando os conceitos de inteligência e desenvolvimento cognitivo no ser humano. Seus estudos foram relevantes para a ciência da educação por ser um dos primeiros teóricos a apresentar a relação entre os aspectos afetivos e cognitivos na aprendizagem da criança.

O desenvolvimento cognitivo, na perspectiva piagetiana, se refere ao processo de adaptação que o ser humano realiza no meio em que vive, em busca de um equilíbrio entre o que já faz parte dele (fatores internos) e o que ainda estão para aprender, saberes e experiências oriundas das outras e pelo ambiente que o cerca (fatores externos). Para Piaget (2014), esse processo de adaptação ocorre por meio da assimilação e da acomodação.

Entendemos então, que todo ser humano nasce com a capacidade de se adaptar ao meio, de assimilar e acomodar os objetos externos em sua estrutura cognitiva na busca de um equilíbrio, permitindo o desenvolvimento da sua inteligência. Desse modo, a criança ao se deparar com uma nova situação, procura inseri-la a conhecimentos anteriores (assimilação). Contudo, muitas vezes para a assimilação, são necessárias modificações (acomodação) para uma verdadeira compreensão da situação encontrada.

Na assimilação, a criança incorpora do meio os elementos necessários para a apropriação de um dado objeto de conhecimento e que atenda a suas necessidades biológicas ou que estão associadas a algum interesse afetivo específico. Desde modo, contribui para a compreensão e organização das estruturas internas do desenvolvimento cognitivo das situações apreendidas.

Já na acomodação, as estruturas internas do indivíduo se modificam a partir das novas experiências vivenciadas, o que contribui para a assimilação das informações e o ajustamento dos esquemas de pensamento do indivíduo. A equilibração ocorre justamente quando ambos os processos se complementam, em que o organismo coordena as

informações recebidas de forma afetiva e cognitiva se adaptando e desenvolvendo suas funções internas.

Na teoria piagetiana, a afetividade desempenha um papel fundamental na construção da inteligência, nesse sentido todo interesse, curiosidade, necessidade, adaptação e motivação que a criança apresenta no decorrer de sua evolução, faz parte das pesquisas experimentais desenvolvidas, e que resultaram na teoria do desenvolvimento cognitivo, precisamente, nos estágios de desenvolvimento da inteligência.

Segundo a teoria piagetiana, esse desenvolvimento acontece em quatro estágios:

- Estágio sensório-motor: 0 a 2 anos;
- Estágio pré-operatório: 2 a 7 anos;
- Estágio operatório concreto: 7 a 12 anos;
- Estágio operatório formal: 12 anos em diante.

Cada estágio tem características específicas em que suas estruturas buscam o equilíbrio diante da evolução mental que o ser humano constrói ao longo do seu desenvolvimento.

O primeiro estágio, o sensório-motor está relacionado à percepção como prática da inteligência, em que os cinco sentidos são utilizados como forma de comunicação. A criança tem seu desenvolvimento marcado nesse estágio pelos impulsos instintivos em que os aspectos afetivos dependem da ação e assimilação por meio de repetição e imitação. De acordo com Piaget (1999, p. 23):

A evolução da afetividade durante os dois primeiros anos dá lugar a um quadro que, no conjunto, corresponde, exatamente, aquele estabelecido através do estudo das funções motoras e cognitivas. Existe, com efeito, um paralelo constante entre a vida afetiva e a intelectual.

Diante disso, constatamos que a afetividade acontece de acordo com a necessidade da criança e a fase em que os aspectos cognitivos e afetivos estão sempre ligados ao pensamento e a ação praticada através de seus esforços e interesses. Dessa maneira, “[...] a afetividade e inteligência, são, assim, indissociáveis e constituem os dois aspectos complementares de toda conduta humana.” (PIAGET, 1999, p. 22).

No segundo estágio, o pré-operatório, a criança se desenvolve com base no egocentrismo, em que o sentimento de posse e a centralização no próprio eu, são

características marcantes, além do desenvolvimento da linguagem oral e da representação do mundo por meio dos símbolos.

Piaget (1999) reforça em sua teoria que nesse período a criança inicia sua comunicação e socialização, como também a formulação e organização dos seus pensamentos para compreender fatos e assimilar a realidade, o que contribui para seu desenvolvimento integral, em que

As três novidades afetivas essenciais são o desenvolvimento dos sentimentos interindividuais (afeições, simpatias e antipatias) ligados à socialização das ações, a aparição de sentimentos morais intuitivos, provenientes das relações entre adultos e crianças, e as regularizações de interesses e valores, ligadas às do pensamento intuitivo em geral. (PIAGET, 1999, p. 37).

Deste modo, percebemos que nesse nível a criança apresenta uma evolução nos seus sentimentos, nos valores inerentes ao convívio social como o respeito e nos seus interesses individuais, representando um prolongamento de suas necessidades e uma orientação de toda ação de assimilação que ocorre ao longo do seu desenvolvimento mental.

O estágio operatório concreto é marcado pela liberação do egocentrismo comum na primeira infância, dando lugar a construção de novos domínios mais importantes para a inteligência e a afetividade. A criança é capaz de pensamentos lógicos e de reflexões, desenvolvendo com isso novas habilidades que são necessárias para sua adaptação aos novos interesses e aos relacionamentos sociais.

Piaget (1999, p. 53) evidencia que,

[...] a afetividade, entre os sete e os doze anos, caracteriza-se pela aparição de novos sentimentos morais e, sobretudo, por uma organização da vontade, que leva a uma melhor integração do eu e a uma regulação da vida afetiva.

Desse modo, um dos primeiros sentimentos da criança no convívio social é o respeito, estabelecendo a formação de uma moral que procede da obediência aos pais e que conduz a essa transformação dos sentimentos, atingindo um nível de cognição elevado com o aperfeiçoamento da empatia, responsabilidade, colaboração nos relacionamentos interpessoais.

No estágio operatório formal, de acordo com Piaget (1999), o adolescente passa por uma crise passageira, relacionado à puberdade, fase que separa a infância da fase adulta. Naturalmente, ocorre uma maturação dos seus instintos o que causa desequilíbrios momentâneos, resultando no fortalecimento das estruturais gerais nas formas finais de pensamento e da vida afetiva.

As conquistas próprias da adolescência asseguram ao pensamento e a afetividade um equilíbrio superior ao que existia na segunda infância. Os adolescentes têm seus poderes multiplicados; estes poderes, inicialmente, perturbam a afetividade e o pensamento, mas, depois, os fortalecem. (PIAGET, 1999, p. 58).

Piaget (1999) discorre ainda que a afetividade se constitui como um estímulo das ações que resulta em cada estágio uma ascensão progressiva no desenvolvimento dando valor as atividades realizadas e reafirmando que a afetividade não é nada sem a inteligência, pois a mesma que oferece os meios e esclarece fins através da razão para que se possa chegar a um equilíbrio, que é o caminho de toda atividade humana.

Diante das contribuições apresentadas a partir da visão de Wallon e Piaget neste capítulo, podemos considerar a importância destas concepções para que possamos refletir sobre a influência da afetividade na formação do ser humano. No próximo capítulo, será apresentada a afetividade e sua influência na aprendizagem da criança que está inserida nos anos iniciais do ensino fundamental.

4. AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM

Os estudos sobre a afetividade na área da educação são recentes. Segundo Abigail Mahoney e Laurinda Almeida (2014), podemos situar o final da década de 1970 como o início de pesquisas teóricas e empíricas mais fundamentadas, levando em consideração as emoções, para explicar o comportamento dos alunos em sala de aula.

Ressaltamos que nessa época, o processo de ensino-aprendizagem era baseado na pedagogia tradicional que separava a emoção da razão. Na escola tradicional a valorização da emoção unida à razão constituía um obstáculo para o desenvolvimento cognitivo da criança. O objetivo principal da escola consistia na transmissão de conteúdos pelo professor, sem levar em conta os aspectos afetivos, os interesses e as experiências dos alunos.

Sendo assim, o modelo de educação tradicional, de acordo com Veiga (1996), tinha uma metodologia de ensino com base na lógica, em que se poderia ensinar tudo a todos. Fazendo um breve apanhado na educação, tem-se que por volta do início do século XX, surge o movimento da Escola Nova³, dentre outros movimentos, esse adquiriu impulso nas teorias educacionais que valorizavam a individualidade dos sujeitos, com vistas à sua formação como cidadão reflexivo e crítico na sociedade. Foi o caso da pedagogia crítica, e a partir dela, as ideias de transformação da educação no Brasil, propostas pelo brasileiro Paulo Freire (1921-1997). Essa mudança de paradigmas no contexto educacional com críticas a pedagogia tradicional, trouxe à tona a necessidade de um processo de aprendizagem voltado para o desenvolvimento integral do aluno.

Ao questionar o lugar de subalternidade que a afetividade costuma ocupar nas visões tradicionais de ensino, que opõe as emoções à qualidade cognitiva e racional, a visão walloniana permite reconhecer as expressividades posturais dos alunos como sinais daquilo que pode estar produzindo efeito no desempenho da aprendizagem, não para eliminar tais sinais, mas para encontrar as pistas que possibilitem uma melhor compreensão e a definição de estratégias mais condizentes com a singularidade de cada aluno. (GRATIOT-ALFANDÉRY, 2010, p. 41).

Conforme a teoria walloniana, percebemos que “na sala de aula, não era só o cognitivo que deveria ser considerado, mas também o afetivo, e que o investimento nesse

³ Movimento de educadores europeus e norte-americanos, no início do século XX, que propunha uma visão que liga a educação aos processos sociais, no qual a escola precisa atender os desafios da sociedade de forma crítica e dialogada.

aspecto favoreceria [...], portanto, o acesso ao conhecimento”. (MAHONEY; ALMEIDA, 2014, p. 15).

A ligação entre a afetividade e aprendizagem passa a ser considerada relevante para o processo de aprendizado do indivíduo, auxiliando na construção de sua identidade. Isso revela a importância da prática pedagógica adotada pelo professor em sala de aula, para que ocorra uma boa qualidade no ensino e nas relações em sala de aula.

A aprendizagem está presente desde o início da vida, pois a todo o momento estamos aprendendo, adquirindo novos conhecimentos, desenvolvendo habilidades e mudando nosso comportamento, conforme experiências vivenciadas. Com isso, consideramos a aprendizagem um processo contínuo e progressivo que engloba os aspectos cognitivos, motores e afetivos do ser humano, e que ocorre de maneira pessoal, visto que cada indivíduo tem um ritmo diferente para obter algum aprendizado.

Seguindo o mesmo sentido, percebemos “a aprendizagem tem a ver com o modo de vida. A palavra aprendizagem vem de apreender, quer dizer, pegar, ou captar algo [...] é o transformar-se em um meio particular de interações recorrentes” (MATURANA, 2001, p. 102). Portanto, aprender tem relação direta com as experiências vividas pelo indivíduo, no qual passa por processos de mudanças que são consequências das interações da dimensão intelectual e afetiva com o ambiente. A partir desse processo, o indivíduo se constitui como um sujeito pronto para os desafios e conquistas de sua existência.

Vale destacar, a partir da teoria de Lev Vygotsky (2001), baseado na perspectiva sóciointeracionista ou histórico-cultural, a presença do vínculo existente entre o desenvolvimento da aprendizagem e o meio social em que vive o indivíduo que só poderá evoluir com as interações estabelecidas desses dois pólos, o pessoal e o social.

Diante disso, entendemos a relevância do contexto escolar, como sendo um local de aprendizado no qual a criança está inserida e que irá influenciar na construção de sua identidade nos aspectos cognitivos, afetivos e sociais. Assim, verificamos que a escola tem um compromisso com a aprendizagem das crianças e que o vínculo afetivo pode ser relevante na formação integral dos alunos.

4.1 AFETIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM

Já sabemos que os aspectos afetivos são indissociáveis do intelecto, assim somamos a esse entendimento, a relevância das relações sociais que a criança desenvolve na escola e

que contribuem para sua formação integral. É nesse caminho que a criança percorre que surgem as trocas de experiências e de conhecimentos, corroborando na formação dos seus pensamentos, desejos e vontades.

A afetividade surge no âmbito escolar nas expressões das crianças, se materializando conforme as vivências e as necessidades de cada uma. Por isso, é importante considerar as manifestações afetivas que ocorrem na escola, para que a criança se sinta segura e preparada para enfrentar os desafios do cotidiano na escola e em outros espaços sociais.

A afetividade seria a primeira forma de interação, com o meio ambiente e a motivação primeira do movimento (...). A afetividade é o elemento mediador das relações sociais primordial, portanto, dado que separa a criança do ambiente, (WALLON *apud* AMORIM; NAVARRO, 1954, p. 42).

De acordo com essa perspectiva de Wallon (*apud* AMORIM; NAVARRO, 1954), verificamos que o autor considera a afetividade como fator principal no desenvolvimento da criança que ainda está aprimorando suas capacidades de cognição. Bem como, que através das relações sociais, a mesma receberá estímulos que contribuem de forma positiva ou negativa no seu desenvolvimento.

Para que a aprendizagem seja significativa na vida da criança se faz necessário que o espaço escolar forneça elementos relevantes para o seu desenvolvimento. Acontecendo desde o planejamento escolar, a acolhida das crianças na escola, o ambiente, a metodologia adotada, a avaliação, as relações interpessoais construídas entre professor e aluno, as atividades elaboradas, entre outros.

Contudo, para que a criança sinta o desejo e a motivação em aprender é necessária um conjunto de elementos que colaborem para o seu desenvolvimento. Quando a aprendizagem é realizada levando em consideração a dimensão afetiva, é possível suscitar a imaginação da criança e provocar a construção de novos conhecimentos. Caso contrário, a criança poderá ter um bloqueio no seu aprendizado, gerando sentimentos de fracasso ou de inibição, comprometendo o desenvolvimento da mesma.

Esse conjunto de informações e fatos que a criança precisa ter contato irá influenciar na sua formação, e diante disso, a afetividade desempenha um papel importante, pois de acordo com Piaget (1999), a mesma poderá contribuir para o

funcionamento da inteligência, criando o interesse e o impulso para que o aprendizado aconteça de maneira positiva e satisfatória.

Ainda segundo os estudos de Piaget (1999, p. 22), “[...] existe, com efeito, um paralelo constante entre a vida afetiva e intelectual [...]”, por isso, no processo de aprendizagem o indivíduo precisa ser visto por completo, por ser constituído de emoções, sentimentos, interesses que contribuem por proporcionar um desenvolvimento considerável.

A aprendizagem de uma criança deverá ser cercada de atenção e estímulo, para que possa despertar o interesse e o desejo na descoberta de novos conhecimentos. Diante disso, Yves de La Taille, Marta Oliveira e Heloysa Dantas (1992), afirmam que a afetividade é como uma energia que move a ação, enquanto que a razão possibilita o sujeito de verificar quais são seus desejos, sentimentos, vontades para que possa ter êxito nas ações. Com isso, se considera que a dimensão afetiva pode funcionar como um incentivo ou não, para que a criança aprenda e através das descobertas, tenha sentimentos e emoções que estejam atrelados ao desenvolvimento de sua inteligência.

A escola precisa se constituir em um ambiente sadio e de confiança para que a criança possa se sentir segura, e a afetividade se torna presente nessa composição, pois além da construção de conhecimentos, a escola contribui para a formação da personalidade e do desenvolvimento do aluno que ocorre nas relações pessoais dentro e fora da sala de aula, o que irá facilitar o processo educativo.

Wallon enfatiza a questão do meio na formação do ser humano. O modo como o ser humano reagirá a determinadas situações de afeto ou quaisquer que sejam as situações pela qual passar, dependerá muito do meio. Uma vez que o meio molda a personalidade humana. (BRUNO NETO, 2012, p. 23).

Portanto, considerar o desenvolvimento afetivo e o desenvolvimento intelectual no contexto escolar significa assumir o compromisso na educação da criança com uma formação integral, para que a mesma tenha a capacidade não só de domínio dos conteúdos, mas de se expressar, de refletir de forma intensa, conforme as situações vividas nas relações interpessoais e sendo protagonista de sua própria história.

Vale salientar que todas as pessoas que convivem com as crianças, como os professores, os pais, os gestores da escola, precisam ter um olhar sensível com o intuito de fornecer um acompanhamento durante seu percurso de vida, e assim, oferecer

oportunidades educativas de desenvolvimento ao máximo com o compromisso de pensar em um futuro melhor para todas.

4.2 AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO

A afetividade se torna relevante nas relações entre professor e aluno, visto que o professor é um sujeito fora do espaço familiar de grande destaque na vida de um aluno. Se trata de construir uma relação tendo como base a confiança, o apoio, a atenção e o respeito, para que possa exercer no aluno facilidade na aprendizagem e sucesso no seu processo de construção da autonomia.

Dessa maneira, é indispensável que o professor esteja preparado profissionalmente para oferecer aos alunos meios essenciais para seu crescimento. É necessário a compreensão do professor sobre a prática de relações afetivas em sala de aula, isto é, a maneira como olhar para a criança, compreender suas necessidades, conseguir uma visão diferenciada em relação a cada aluno, a disposição para identificar situações de inseguranças e necessidades de cuidado, sabendo intervir nos momentos adequados de maneira respeitosa e atenciosa, constituirá um elemento mobilizador de aprendizagens e do desenvolvimento da autonomia.

Para Freire (1996, p. 90), “[...] ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria... A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança”. À vista disso, temos o professor com a consciência do seu papel como mediador no processo de ensino-aprendizagem, com a capacidade de se adaptar as mudanças necessárias do cotidiano da sala de aula, sendo afetuoso e exultante nas suas atividades educativas.

O afeto está na preparação da aula. Nas escolhas do professor. Na voz, no toque, nos pequenos gestos. No silêncio. O afeto está na forma de avaliação. Afeto que se importa em ajudar. Em pensar novos caminhos. O afeto está no olhar, nos espaços da sala de aula (BUENO, 2018, p. 53).

O posicionamento do professor é o que faz a diferença na aprendizagem dos alunos, por isso que é preciso a segurança quanto à metodologia adotada em sala de aula, para que desperte na criança o interesse, a dedicação e a autoconfiança - elementos necessários para estabelecer uma aprendizagem significativa. Sendo a sala de aula o local onde a criança poderá aperfeiçoar suas relações afetivas com seus pares e em outros meios sociais.

Dessa forma, com a presença da afetividade, acontecendo de forma positiva, os anseios e desejos poderão surgir nos alunos facilitando o processo de ensino-aprendizagem e sendo favorável para a autoestima elevada das crianças em um ambiente emocionalmente agradável que contribui para o foco e a concentração nos estudos. De acordo com Maria de Fátima Josgrilbert (2002, p. 86):

O professor deve ser um provocador de dúvidas, um incitador a reflexões e questionamentos, uma pessoa que sabe o momento certo de interferir, mas que ao mesmo tempo aprende com seus alunos [...]. Uma atitude, construída com base na confiança mútua, significa a concretização de uma relação dialógica e pressupõe os aspectos: a parceria; a generosidade que leva à humildade, a dúvida, a espera, a sintonia, o resgate da beleza de aprender e viver.

Assim, a relação professor e aluno precisa ter como base o diálogo, pois existe uma influência causada pelo professor em sala de aula que tem a capacidade de transformar e movimentar o aluno no processo de ensino-aprendizagem, podendo conduzir a uma ação educativa de comprometimento de ambas as partes.

Neste caso, no ambiente de aprendizagem, o aluno precisa se sentir aceito e valorizado conforme suas singularidades, para que nessas relações coletivas em sala de aula, entre professor-aluno e aluno-aluno, as interações educativas estabelecidas possam demonstrar, através das representações de cada sujeito, o fazer que cada um constrói no processo de aprendizado.

Portanto, assim como Ranghetti (2002, p. 87) afirma,

Na ação de educar, a *afetividade* é o pigmento que regula a intensidade e a profundidade das ações dos sujeitos no processo educativo. Ela dá o brilho à relação pedagógica, desencadeando o convívio da razão com a emoção num movimento com vida, do interior para o exterior do ser e vice-versa.

É nessa relação que ocorre no contexto escolar que o sujeito, afeta e pode ser afetado, conforme as ações estabelecidas em sala de aula e que sendo realizado de maneira agradável, favorece a prática educativa com um sentido mais acolhedor e significativo.

4.3 ANOS ESCOLARES ABORDADOS (1º ANO E 2º ANO)

O primeiro e o segundo ano do ensino fundamental corresponde ao período em que a criança está no processo de alfabetização, considerado um marco no seu desenvolvimento cognitivo no qual através da aquisição da leitura e da escrita, tem possibilidades de ampliar sua aprendizagem e de contato com novas formas de conhecimento.

É relevante que nessa fase de transição da educação infantil (creche e pré-escola) para o ensino fundamental (escola), a criança encontre nesse novo espaço um ambiente agradável e acolhedor no qual a mesma se sinta segura e confiante, para que,

[...] haja equilíbrio entre as mudanças introduzidas, garantindo integração e continuidade dos processos de aprendizagens das crianças, respeitando suas singularidades e as diferentes relações que elas estabelecem com os conhecimentos, assim como a natureza das mediações de cada etapa. (BRASIL, 2018, P. 53).

Contribuindo para o desenvolvimento da criança na aquisição de novas formas de conhecimento, levando em consideração seu conhecimento prévio e seus interesses na perspectiva de uma aprendizagem significativa.

Levando em consideração o apresentado até o momento, se torna necessário também, a oferta através das práticas pedagógicas, de uma educação que leve em consideração a criança de maneira integral, “[...] de tal modo que os aspectos físico, afetivo, psicológico, intelectual e social sejam priorizados na sua formação.” (BRASIL, 2013, p. 38). Dessa maneira, a criança se desenvolverá em um ambiente favorável a sua evolução em todas as dimensões, com o fortalecimento das interações sociais que irá construir no ambiente escolar.

Nos anos escolares iniciais, período da alfabetização, podemos refletir na necessidade de respeitar o tempo de aprendizagem de cada criança, garantindo condições e oportunidades de desenvolver a leitura e a escrita na escola e em outros espaços de convívio social, o que necessita do envolvimento da família para que caso ocorra alguma dificuldade no processo de construção do conhecimento, a criança tenha possibilidades de recuperação e bons resultados no seu aprendizado.

Nessa fase, a criatividade e a autonomia são trabalhadas pelo professor, para que a criança possa obter através de estímulos, de troca de ideias e vivências, aspectos que poderão proporcionar seu desenvolvimento no processo de aquisição de conhecimento.

4.4 ALGUNS ASPECTOS DA CRIANÇA DOS SEIS AOS OITO ANOS

As crianças, parte dos anos escolares abordados, possui a faixa etária entre seis e oito anos de idade, sendo esse período o início da escolarização em que muitas estão em uma nova realidade, em um novo contexto, tornando necessário compreender a singularidade de cada uma, pois cada criança tem um ritmo e uma forma própria de aprender para se ter êxito no processo de ensino-aprendizagem.

A criança busca “[...] compreender o mundo e a si mesma, testando de alguma forma as significações que constrói, modificando-as continuamente em cada interação, seja com outro ser humano, seja com objetos de conhecimento.” (BRASIL, 2013, p. 86). Assim, todas as situações em que a criança participa na sala de aula, lhe oferecem condições de ser sujeito no seu processo de construção de conhecimento.

As atividades que envolvem a criança em sala de aula precisam ser significativas, em que:

O processo de aprendizagem seja motivador em si mesmo: as crianças devem ser levadas a colocar toda a sua energia para enfrentar o desafio intelectual que a escola lhes coloca. O prazer vem, assim, da própria aprendizagem, do sentimento de competência pessoal, da segurança de ser hábil para resolver problemas. (DAVIS, 1994, p. 85).

Assim, verificamos a importância do papel do professor em sala de aula para o desenvolvimento da criança, em que essa interação existente com o aluno, contribui na construção da identidade, na visão do mundo do aluno relacionado à afetividade que “[...] influencia a velocidade com que se constrói o conhecimento, pois, quando as pessoas se sentem seguras, aprendem com mais facilidade” (DAVIS, 1994, p. 84).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental (BRASIL, 2013) de 9 (nove) anos é um dos documentos que fornece aspectos importantes para o desenvolvimento das crianças nesse período. Tendo o trabalho pedagógico orientado por vários eixos necessários para a sua formação como sujeito do processo de educação.

Para tanto, é necessário:

Criar situações que provoquem nos estudantes a necessidade e o desejo de pesquisar e experimentar situações de aprendizagem como conquista individual e coletiva, a partir do contexto particular e local, em elo com o geral e transnacional. (BRASIL, 2013, p. 39).

A criança demanda atenção, motivação e estímulos por parte do professor na busca para contribuir com o seu desenvolvimento, sendo através dessa interação que verificamos a evolução no seu aprendizado, com estratégias que favoreça bons resultados escolares.

De acordo com este capítulo pode-se verificar como a afetividade pode influenciar o aprendizado da criança durante os anos iniciais do ensino fundamental, apresentando a importância do papel do professor nesse processo de construção do conhecimento. Diante disso, neste próximo capítulo iremos refletir sobre os dados coletados, a fim de verificar a visão das professoras sobre a temática abordada.

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Aplicada no mês de Março de 2019, em uma escola da rede municipal de ensino, com quatro professoras, sendo duas do primeiro ano do ensino fundamental e duas do segundo ano do ensino fundamental, a pesquisa possui o objetivo em entender a influência da afetividade na aprendizagem da criança a partir das respostas coletadas.

Para tanto, realizamos as entrevistas com cada professora (Apêndice C), para compreender o olhar que individualmente possuem a partir de suas experiências em sala de aula, e na relação entre professor e aluno no processo de ensino-aprendizagem. Depois da coleta de dados, realizamos a fase de análise qualitativa dos resultados adquiridos, como descrevemos a seguir.

5.1 PERFIL DAS PROFESSORAS PARTICIPANTES

Inicialmente, aplicamos o questionário (Apêndice B), objetivando identificar o perfil das professoras participantes para conhecer sua formação acadêmica, as informações profissionais e o olhar individual sobre o ambiente da escola em que atuam.

As quatro professoras participantes serão identificadas como professoras 1, 2, 3 e 4, com a intenção de preservar suas identidades. Possuem entre 30 e 50 anos de idade, todas possuem o curso superior em Pedagogia, com sua conclusão variando entre os anos de 2002 a 2008. Também possuem especialização em Psicopedagogia.

O vínculo das professoras com a escola se deu por meio do concurso público tendo uma carga horária de 30 horas semanais. A professora 1, leciona há 25 anos e possui uma turma de 23 alunos com seis anos de idade. A professora 2, tem 18 anos de experiência e 20 alunos em sala de aula entre seis e sete anos de idade. A professora 3, leciona há 18 anos e possui uma turma de 24 alunos com sete anos de idade. A professora 4, possui 14 anos de experiência em sala de aula e leciona para uma turma de 25 alunos entre sete e oito anos de idade. Com essas informações iniciais, verificamos que se torna de um grupo com larga formação e experiência educacional. A professora com menos tempo de formação já é pedagoga há mais de 10 anos. A professora com menos tempo de docência já está em sala de aula há 14 anos.

As informações obtidas quanto ao ambiente de trabalho, demonstra a participação de toda equipe pedagógica no processo de ensino-aprendizagem. Quanto à participação da

família, as professoras 1 e 2 informaram que raramente a família participa do processo escolar. Entretanto, as professoras 3 e 4 afirmaram que sempre a família participa do processo junto à escola.

Essa questão sobre a relação escola-família foi retomada durante as entrevistas e novos dados serão apresentados a seguir. Como também, observamos a importância do papel do professor nesse processo e a responsabilidade que todos demonstram ter quando a criança está em sala de aula.

5.2 RELAÇÃO ENTRE AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM

Diante das entrevistas realizadas com as quatro professoras, buscamos primeiramente conhecer as contribuições que ocorrem na aprendizagem das crianças para que possam ter bons resultados e com isso, obter informações acerca da influência da afetividade na construção do aprendizado das mesmas.

Ao compreender se as emoções e os sentimentos influenciam o aprendizado da criança e se sua singularidade, é levado em consideração na educação os aspectos que demonstram a relação entre afetividade e aprendizagem. Enxergamos, a partir da fala das professoras 3 e 4, de que maneira isso acontece com a criança e que podem contribuir para seu sucesso na aprendizagem. Perguntadas sobre a influência da afetividade na aprendizagem da criança, obtivemos as seguintes respostas:

Professora 3

“Se a criança se sente segura, de alguém que é seu responsável, seu cuidador, seu mestre, acho que vai fluir bem melhor o aprendizado. Acho que o primeiro passo é esse.”

Professora 4

“Principalmente nessa fase e eu acredito também na afetividade, às vezes é necessário chegar mais junto da criança para que ela consiga êxito. Porque tem criança que não funciona assim, não aprende tão bem com o coletivo, tem que chegar junto dela e explicar pra ela de uma outra maneira.”

Conforme a fala das professoras, consideramos que os aspectos envolvidos a afetividade como a segurança, a atenção e o cuidado, são relevantes para a criança ter motivação no ato de compreender algum objeto de conhecimento, necessitando do professor como facilitador desse processo, no qual de acordo com Ranghetti (2002), a

valorização e os sentimentos percebidos na relação educativa são fatores primordiais para a criança aprender em sala de aula.

As professoras 1 e 2 apresentaram um olhar distinto, relacionando a família ao sucesso ou não na aprendizagem da criança. Ainda sobre a influência da afetividade na aprendizagem da criança, estas professoras apresentaram as seguintes respostas:

Professora 1

“Acho que o apoio da família é muito importante né. A gente na escola faz pouco, acho que em casa é primordial. A criança que tem assistência em casa, você vê a evolução dela bem diferente daquela que não tem. Então a assistência da família é muito importante nesse processo de alfabetização.”

Professora 2

“Eu como tenho muita experiência, mais de 18 anos trabalhando, eu ainda consigo, mas é muito difícil e a criança precisa querer, não sou eu que vou fazer ela aprender. Ela precisa querer. Tem que ter esse incentivo, esse cuidado, esse carinho em casa, que alguns têm, é nítido, você nota claramente os que têm e os que não têm você vê logo.”

Diante da mesma pergunta, sobre a influência da afetividade na aprendizagem, obtivemos resultados diferentes. Enquanto as professoras 3 e 4 se detiveram ao ambiente escolar, e em especial, na relação professor-aluno; as professoras 1 e 2 deslocaram o problema para o ambiente familiar. Assim como argumenta Giuseppe Neto (2002), o desenvolvimento afetivo da criança envolve uma série de fatores e sujeitos, em ambientes diversificados. Nesse sentido, tanto o ambiente familiar quanto o escolar são fundamentais para o desenvolvimento da criança, especificamente das suas aprendizagens.

A complexidade que envolve os dois contextos não nos permite atestar que o sucesso ou as dificuldades da aprendizagem da criança está associado a este ou aquele ambiente predominantemente. Família e escola estão inseridas numa rede de interações sociais, econômicas, culturais, históricas, em que se torna difícil estabelecer um diagnóstico preciso acerca das causas dos problemas que aparecem.

Entretanto, tanto familiares quanto professores, devem estar conscientes da complexidade que envolve o desenvolvimento da criança. O que significa dizer que a atuação de pais/mães, responsáveis, professores e demais profissionais da educação não deve ignorar as dificuldades, e até mesmo, possíveis negligências por parte de algum desses sujeitos. A negligência nesse processo não justifica a omissão por parte dos outros sujeitos. Pelo contrário, torna sua responsabilidade ainda maior e sua atuação mais

desafiadora. Atualmente, vivemos em um mundo diverso, com novas estruturas familiares, em que o professor precisa estar preparado para a heterogeneidade das crianças em sala de aula.

E, se tratando do envolvimento da família no ambiente escolar, é preciso devidamente considerar os diferentes fatores históricos que dificultam essa relação entre a escola e a família. De acordo com Maria Sousa e Teresa Sarmiento (2009, p. 151), “[...] as características organizacionais e funcionais da escola são, igualmente, apontadas pela literatura como uma barreira à participação e envolvimento das famílias”. Embora não seja uma afirmação que contemple a realidade de todas as escolas, evidencia a necessidade de muitas escolas adequarem estratégias que contribuam para uma relação aproximada entre os pais e a escola, para que sejam estimulados a participar da vida escolar dos seus filhos. Cabe à escola, com todos os profissionais da educação envolvidos, criar caminhos para que esta relação aconteça. O que se busca, em última análise, é criar condições favoráveis para que a criança em sala de aula possa expressar sua afetividade, de modo que seja mais bem desenvolvido seu processo de aprendizagem.

Outra pergunta feita para as professoras está relacionada à interferência da dimensão afetiva nos processos de aprendizagem no sentido de compreender de que maneira constata quando isso ocorre. De acordo com as respostas obtidas, temos a concepção da Professora 1:

Professora 1

“A criança com baixa autoestima ela não vai se sentir capaz, e se ela não é capaz ela vai ter problema de aprendizagem, ela vai ter dificuldade em aprender. A criança precisa ser tratada com amor, com respeito. A criança que tem problemas emocionais de certeza a criança tem dificuldades na aprendizagem.”

De acordo com a resposta acima, a Professora 1 considera a autoestima baixa da criança um aspecto que afeta de forma negativa o aprendizado da mesma, comprometendo o seu desenvolvimento. De acordo com Wallon (*apud* GALVÃO, 1995, p. 59), “[...] é na ação sobre o meio humano, e não sobre o meio físico, que deve ser buscado o significado das emoções”. Enxergamos que o professor possui um papel de relevância por auxiliar a criança diante de emoções negativas, dando o apoio e a atenção necessária à mesma, para que identifique as causas e buscar a ajuda necessária.

A resposta da Professora 2 diante o mesmo questionamento, sobre a interferência da dimensão afetiva nos processos de aprendizagem, nos traz uma reflexão importante para a problemática:

Professora 2

“Com certeza, afeta no geral, a criança ela demonstra logo, tem criança que você vai falar da família ela não quer nem falar. Se recusa, não quer fazer um desenho... Então, afeta em tudo. Até num desenho afeta.”

A Professora 2, em suas respostas, nos deixa claro que as dificuldades de aprendizagem que identifica na criança tem origem na família. Diante de problemas como esses, se faz necessário refletir e verificar os caminhos de superação. É preciso que os professores continuem sua formação, considerando os problemas que vão aparecendo em seu cotidiano.

Sua preparação, sua capacitação, sua formação se tornem processos permanentes. Sua experiência docente, se bem percebida e bem vivida, vai deixando claro que ela requer uma formação permanente do ensinante. Formação que se funda na análise crítica de sua prática. (FREIRE, 2001, p. 259).

O professor necessita retorno a sua formação e prática para o mundo em que vivemos que não se enquadra mais na escola ou na família historicamente tradicional. Vivenciamos, na atualidade, novos desafios e a dimensão afetiva nos processos de ensino-aprendizagem que se torna um tema cada vez mais relevante.

O modo como as Professoras 3 e 4 se posicionaram sobre o mesmo assunto, nos ajuda no sentido do enfrentamento do desafio de tratar com a questão afetiva na relação professor-aluno:

Professora 3

“Se a criança não tem aquela afinidade com o professor ali. Ela vai criar ansiedade, medo de errar, um bloqueio, vai realmente criar esse bloqueio, eu acho que isso é em qualquer situação, qualquer relação se não tiver aquela afinidade, a questão da empatia, se não tiver ali vai criar um bloqueio.”

Professora 4

“Vivemos num mundo em que as famílias estão bastante ausentes dos filhos, então eles chegam na escola extremamente carentes, as vezes até agressivo e muitas vezes isso é até uma forma de chamar nossa atenção, até um grito de socorro, quando a gente chega junto,

dá um pouquinho mais de atenção acaba conseguindo com que essa criança avance e ate melhore o relacionamento com os demais... me surpreendi com algumas crianças que a medida que elas foram melhorando o desempenho consequentemente elas melhoraram no comportamento.”

Como demonstramos, na concepção walloniana, a afetividade constitui uma das três dimensões do domínio funcional. Para Wallon (1989), a emoção, o sentimento e a paixão estão dentro da afetividade, além de uma gama de sensações que interferem na formação do indivíduo e na forma como enxergam a realidade. Nessa perspectiva, a emoção é a exteriorização da afetividade. A criança expressa sua afetividade por meio do seu corpo, dando ênfase e intensidade aos sentimentos de alegria, medo, tristeza e/ou raiva. A cada conquista, cada descoberta que vivencia seu corpo reage e de maneira diferente expressa o que sente, seja por meio da alteração dos batimentos cardíacos, da sudorese, da expressão facial, etc.

A terceira pergunta em nossa entrevista procurou a opinião das professoras em relação às expressões das crianças, para compreender como ocorrem as interações e a dinâmica em sala de aula. Diante das respostas das Professoras 1, 3 e 4, temos:

Professora 1

“Às vezes a criança que pode tá passando por problema emocional nem sempre ela se retrai, às vezes é o contrário né. Ela fica super agitada, super agressiva. Porque nem sempre a criança retraída é a que tá passando por problemas, às vezes aquela agitada, que fala muito, que corre muito, que bate muito, às vezes aquela que tá com problemas.”

Professora 3

“A criança tem reações muitas vezes inesperadas. Porque ela não consegue expressar o que tá se passando, não consegue nem entender o que tá acontecendo com ela realmente.”

Professora 4

“Na maioria delas é com uma certa agressividade, irritabilidade, geralmente é assim e principalmente se for uma criança que você vê que ela é tranquila, então se ela chegar com algum comportamento assim, que seja estranho, então você já nota logo. Muda o comportamento (...) a gente percebe ou por fica mais quietinho, por ficar mais na dele sem interação ou por explodir mais fácil diante de alguma situação.”

Nas respostas das Professoras 1, 3 e 4, temos a presença da relação existente entre os problemas emocionais das crianças e o seu comportamento em sala de aula, indicando que no ambiente escolar a mesma se mostra de forma integral e que necessita de orientação

e apoio para lidar com suas emoções, assim não cause nenhum impacto negativo na sua aprendizagem.

A Professora 3, em sua resposta, nos leva a reflexão sobre a importância do professor na vida do aluno, em auxiliá-lo na sua formação como ser humano, em que o professor em suas ações pedagógicas tenha condições de contribuir para o desenvolvimento da criança nos aspectos cognitivos e afetivos.

De acordo com o que foi apresentado, a partir de Hélène Gratiot-Alfandéry (2010), é necessário que o professor diante de manifestações afetivas em sala de aula, esteja atento as expressões posturais dos alunos para compreender através de sua observação, qual estratégia poderá utilizar para mediar a aprendizagem e garantir a singularidade do aluno. Wallon *apud* Galvão (1995), fala da maneira adultizada que existe em relação ao tratamento com a criança e reforça que os professores precisam ter seu olhar voltado para as expressões da criança sem esperar da mesma um comportamento adulto, sem reduzir ou menosprezar as emoções da mesma para que “[...] essa compreensão favoreça práticas pedagógicas mais condizentes com o momento vivido pela criança.” (GRATIOT-ALFANDERY, 2010, p. 42).

Assim, nesta pesquisa, defendemos a premissa de que a afetividade é fundamental no processo de desenvolvimento da criança, em especial, da sua aprendizagem. Conforme Wallon (*apud* GALVÃO, 1995), aborda sobre a dimensão afetiva ter início no nascimento e se prolonga ao longo da vida da criança. O desenvolvimento não é possível dissociar a dimensão cognitiva da afetividade:

Apesar de alternarem a dominância, a afetividade e cognição não se mantêm como funções exteriores uma à outra. Cada uma, ao reaparecer como atividade predominante num dado estágio, incorpora as conquistas realizadas pela outra, no estágio anterior, construindo-se reciprocamente, num permanente processo de integração e diferenciação. (GALVÃO, 1995, p. 31).

Esta ideia reforça a premissa de que a afetividade é indissociável ao aspecto cognitivo da criança, principalmente no ambiente escolar em que passa a estabelecer interações com o professor, com outras crianças e com os objetos de conhecimento.

Ainda referente à pergunta realizada às professoras, em que se relaciona as expressões das crianças em sala de aula, temos a resposta da Professora 2:

Professora 2

“Quando a criança é mais segura ela consegue.”

Com a resposta da Professora 2, percebemos que uma criança ao se sentir segura em sala de aula, tem mais facilidade na aprendizagem, considerando estar preparada para enfrentar os desafios que encontra pela frente. A criança tem o meio como fator relevante para determinar seu posicionamento diante das diversas situações que vivencia nas relações pessoais dentro e fora da escola.

Assim como para Galvão (1995, p. 31), “[...] a dominância do caráter afetivo e, conseqüentemente, das relações com o mundo humano, correspondem às etapas que se prestam à construção do eu.”, consideramos que são os aspectos afetivos e a relação que o indivíduo constrói com o meio que determinam a formação de sua personalidade.

As transformações que a criança vivencia no seu desenvolvimento são marcadas por progressos, conflitos e retrocessos necessários para que possa amadurecer e através das emoções se adaptar as novas experiências. Diante disso, o meio em que a criança está inserida pode influenciar a forma como ela vai se comportar e se relacionar com as outras pessoas, sendo fundamental para seu processo educacional considerando a criança na sua totalidade.

Frente às respostas obtidas juntamente com as professoras, observamos que a afetividade está presente no ambiente da sala de aula através das expressões dos alunos que podem contribuir ou atrapalhar a sua aprendizagem. Sabendo que a educação é um processo complexo envolto de aspectos cognitivos e afetivos, é necessário identificar as possibilidades existentes em sala de aula para superar qualquer tipo de problema para oferecer uma aprendizagem significativa para a criança.

5.3 RELAÇÃO AFETIVA ENTRE PROFESSOR E ALUNO

Vários aspectos são parte da relação entre professor e aluno, e a afetividade se faz presente o tempo todo, o que envolve o comportamento de ambos os sujeitos e a maneira como o relacionamento ocorre em sala de aula, pois o posicionamento do professor tem a capacidade de fazer a diferença na aprendizagem do aluno.

Diante disso, Cláudia Davis e Zilma de Oliveira (1994, p. 84) apontam que:

Na interação que professor e aluno estabelecem na escola, os fatores afetivos e cognitivos de ambos exercem influência decisiva. Na interação, cada parceiro busca o atendimento de alguns dos seus desejos: de

proteção, de subordinação, de realização etc. Através dela, tanto os alunos quanto o professor vão construindo imagens do seu interlocutor, atribuindo-lhe determinadas características, intenções e significados.

De acordo com a nossa pesquisa sobre a influência da afetividade na aprendizagem da criança, as respostas das Professoras 3 e 4, acerca da relação afetiva entre professor e aluno em sala de aula, temos as seguintes concepções:

Professora 3

“Acho que segurança. Se a criança, primeira coisa, eu me sinto segura com aquela pessoa que tá ali na frente, que vai cuidar de mim e vai me direcionar um caminho, acho que é segurança. Quando eu me sinto segura diante de alguém, aí eu crio a afetividade, eu acho que é assim, primeiro vem a segurança, ao estar do lado de alguém e depois vem o afeto. Porque o afeto é o que vai ser conquistado aos poucos.”

Professora 4

“Respeitar e ser respeitado. Eu sempre trabalho com a minha turma a importância desse valor porque à medida que eu respeito eu sou respeitada em qualquer situação, então acho que isso é a base de tudo.”

As respostas das Professoras 3 e 4, apresentam o professor com um papel relevante na vida do aluno, através da segurança que é capaz de transmitir. A compreensão das necessidades das crianças e o olhar do professor de forma respeitosa e atenciosa para cada aluno contribuem para que o torne capaz de realizar as intervenções e os ajustes necessários para facilitar o processo de ensino-aprendizagem.

Outros fatores relatados pela Professora 2, demonstra os aspectos importantes para um bom relacionamento entre professor e aluno, como observamos a seguir.

Professora 2

“É preciso muita paciência, é você ter aquele cuidado, tem dia que você consegue, mas tem dia que não é possível, depende muito dos acontecimentos do dia.”

A Professora 2, destaca em sua fala, a paciência e o cuidado que é necessário para desenvolver um bom relacionamento com os alunos, tendo a vontade de despertar na criança o interesse no aprendizado, o que torna o ambiente mais produtivo. Com o apoio, a motivação e a atenção do professor, a criança se sente capaz de realizar uma tarefa com sucesso, o que atende as necessidades de ambos os sujeitos, importante para uma boa relação dentro do processo de ensino-aprendizagem.

A presença do adulto dá à criança condições de segurança física e emocional que a levam a explorar mais o ambiente e, portanto, a aprender. Por outro lado, a interação humana envolve também a afetividade, a emoção, como elemento básico. (DAVIS; OLIVEIRA, 1994, p. 81).

Diante dos aspectos citados, considerados importantes para a formação da criança, enfatizamos a prática pedagógica do professor em sala de aula, a partir dos elementos que precisam ser trabalhados considerando a dimensão afetiva e cognitiva na criança. Elementos como o planejamento escolar, a acolhida das crianças, o ambiente da sala de aula e a metodologia adotada pelo professor, que possa motivar a criança e o professor na realização das atividades de maneira positiva e satisfatória.

As professoras explicitaram também quanto à percepção que conseguiam captar com relação ao interesse das crianças nas atividades em sala de aula. Nas respostas obtidas, destacamos trechos que demonstram de forma semelhante, como o aluno consegue aprender e se entusiasmar com o objeto de conhecimento que ora lhe é apresentado.

Professora 2

“Quando eles gostam, quando chama a atenção deles, que já é familiar pra eles... teve interesse, que seja uma coisa assim mais lúdica, eles amam.”

Professora 3

“O aluno que pergunta mais, tá mais concentrado naquela aula e até responde melhor as atividades quando tem interesse.”

Professora 4

“Geralmente a criança tem mais interesse naquele assunto da maneira como ele é abordado, a forma. Porque assim, a criança nessa fase não percebe a necessidade e a importância do ato de estudar, então é como dizia Rubem Alves “o ser humano aprende aquilo que é interessante pra ele” imagina a criança? Então de alguma forma você tem que fazer alguma coisa pra fazer com que chame a atenção porque se não chamar consequentemente ele não vai ter tanto interesse.”

Diante das respostas das professoras entrevistadas, percebemos que o aprendizado da criança perante um objeto de conhecimento ocorre através do interesse, que Galvão (1995) caracteriza de acordo com a concepção walloniana, como um aspecto que se faz presente na vida das crianças, principalmente no estágio categorial, por volta dos seis anos de idade, fase em que a criança frequenta o primeiro ano do ensino regular, sendo um

período em que o seu desenvolvimento intelectual é capaz de selecionar o que é mais interessante corroborando com o conhecimento prévio que tem da realidade que a cerca.

Para Piaget (2014), o desenvolvimento da inteligência da criança atende a uma necessidade biológica ou a um interesse afetivo específico, em que incorpora do meio o que for necessário para se apropriar de um dado objeto do conhecimento. Ocorrendo assim à assimilação e logo após ocorre à acomodação, que envolve o ajuste das estruturas internas do indivíduo a partir das experiências vividas, resultando no equilíbrio das funções da mente da criança, contribuindo para seu desenvolvimento afetivo e cognitivo.

Todo esse processo relacionado ao desenvolvimento do indivíduo tem a afetividade com um papel fundamental que se manifesta através do interesse, curiosidade, necessidade, esforço e motivação demonstrados pela criança. Cabe ao professor na sua prática pedagógica, escolher a metodologia que irá contribuir para a ênfase desses elementos no processo de ensino-aprendizagem. “O papel do professor nesse processo é fundamental. Ele procura estruturar condições para ocorrência de interações professor-alunos-objeto de estudo, que levem a apropriação do conhecimento” (DAVIS; OLIVEIRA, 1994, p. 22).

Contudo, percebemos que a afetividade se faz presente em todos os momentos de nossas vidas e na educação se torna importante para entender os sentimentos e emoções demonstrados pela criança para que assim, o professor (a) possa auxiliá-lo no desenvolvimento integral do aluno, e diante de qualquer situação, intervir para que não prejudique o processo de ensino-aprendizagem. O olhar do professor (a) precisa ser tanto individual como coletivo, dando ênfase à voz dos alunos para compreender o momento em que algo não contribui ou dificulta o progresso de qualquer planejamento em sala de aula.

Para tanto, levantamos outra questão feita na entrevista com as professoras para saber como expressam a valorização que tem pelos alunos, a fim de identificar nas falas, a maneira como isso influencia na relação entre professor-aluno-objeto de conhecimento, pois de acordo com Ranghetti (2002), na relação pedagógica a afetividade se faz presente a fim de estabelecer uma ação necessária para impulsionar a participação dos alunos e a valorização demonstrada pelo professor constitui como um aspecto importante para o aprendizado das crianças.

Professora 2

“No dia a dia com eles, tratando bem, tendo carinho, falando assim com certo zelo.”

Professora 3

“A primeira palavra que vem agora é maternal. Querer que aquela turma que é da minha responsabilidade, naquele ano que estou abraçando, cresça com desafios.”

Professora 4

“Elogiando, incentivando, falando da importância de ter esse cuidado, do zelo, de valorizar o potencial que eles têm. Então sempre faço essa questão de valorização de que todo mundo é capaz, só basta querer. Então a gente tem que sempre incentivar. Valorizar. Ah não tá conseguindo, não tem problema nenhum, eu também não sabia e agora eu já sei, você tá aqui pra aprender, agora você precisa se esforçar, você precisa fazer a sua parte, mas sempre mostrar que ele é capaz.”

Na fala das professoras, identificamos que o reconhecimento, a atenção e o elogio dirigidos a uma criança, contribuem para que se sintam capazes de realizar uma atividade proposta pela professora, pois a atenção que a mesma recebe potencializa seu esforço e sua motivação em aprender.

Considerando a importância do professor em sala de aula, como a pessoa com a qual as crianças constroem uma relação que precisa ser baseada nessa valorização que as professoras demonstram ter pelos alunos, analisamos na fala da Professora 4, que a sua concepção e ação educativa realizada com os alunos pode afetar de forma positiva o processo de aprendizado das mesmas, visto que possibilita “[...] uma melhor compreensão e a definição de estratégias mais condizentes com a singularidade de cada aluno.” (GRATIOT-ALFANDÉRY, 2010, p. 41).

Uma educação com ênfase na afetividade na formação do ser humano como já foi demonstrado teoricamente, possibilita o surgimento das potencialidades que as crianças têm e são capazes de se tornar protagonistas na construção do conhecimento, sendo necessário o apoio do professor (a) para que utilize estratégias para que isso aconteça. Por essa razão, é relevante a formação e capacitação dos professores na contemporaneidade para romper o ensino que limite o aluno somente à memorização de conteúdos.

Mais um aspecto importante para a interação entre professor e aluno no ambiente escolar, é o respeito. Sendo um sentimento primordial para um ambiente agradável e harmonioso, que fornece condições para relações sadias que ocorrem também com as outras crianças, com o objeto de conhecimento e com os demais funcionários da escola. Como já explicitado, a afetividade exerce um papel importante no processo de aprendizagem, em que sua influência determina as relações ligadas a situações agradáveis ou desagradáveis. Para tanto, observamos que na fala da Professora 3, há demonstração de uma concepção diferente relacionado ao respeito.

Professora 3

“É preciso ter um apoio pedagógico. Nem sempre ela é respeitada por conta do tempo, pra tá ouvindo realmente cada uma delas né. Embora eu veja essa escola com um diferencial. Você se desdobra se prepara, mas não tem, pois são muitos problemas de aprendizagem, é muita coisa envolvida.”

A Professora 3 apresenta que a criança muitas vezes não é respeitada no ambiente escolar com relação ao curto tempo para que os objetivos propostos no processo de aprendizagem sejam atingidos. Neste sentido, enxergamos em sua fala, que muitas vezes o professor precisa cumprir um planejamento que não se adequa ao tempo necessário para oferecer uma aprendizagem significativa, o que afeta a criança de forma positiva ou negativa.

Diante da multiplicidade de sujeitos envolvidos na ação pedagógica temos que levar em consideração também o espaço e o tempo utilizado para que as práticas diárias aconteçam, o que nos remete, a uma necessidade constante de reflexão do (a) professor (a) na sua ação pedagógica.

Cada pessoa leva um tempo maior ou menor para ver, compreender e concluir determinado problema, situação, ou novo conhecimento que lhe seja apresentado... É aqui que deve se criar uma relação empática entre o professor e o aluno, no sentido de perceber o tempo lógico para aprendizagem do mesmo. (NEVES, 2004, p. 23).

Nesse período da alfabetização se torna necessário oferecer oportunidades para que a criança possa se desenvolver conforme suas possibilidades. E com isso, refletimos sobre a influência da afetividade na formação da criança e na sua aprendizagem.

Na fala da Professora 4, a mesma aborda o respeito em relação ao convívio entre as crianças, como vemos a seguir.

Professora 4

“Tem criança que não acontece nenhum problema de falta de respeito, mas tem outras que infelizmente acontece. Vale salientar que é de aluno pra aluno, porque com professores e funcionários existe o respeito com os alunos. A gente sempre procura intervir valorizando o respeito, respeitar pra ser respeitado. Eu canto até uma música com ele: respeitar para ser respeitado, o que eu não quero que façam comigo eu não posso fazer com meu amigo. Pra vê se tenta sensibiliza-los, mas é uma longa tarefa, é uma coisa contínua, quase todos os dias a gente tem que tocar nessa tecla do respeito. Porque tem alguma situação ou outra que fere esse item, e isso é importante pra viver bem em qualquer lugar.”

Piaget (1999) reforça em sua teoria que no estágio pré-operatório (2 a 7 anos), a criança percorre a fase do egocentrismo para o desenvolvimento da linguagem e o início da socialização em que compreende fatos e assimila a realidade que a cerca. Um dos primeiros sentimentos da criança no convívio social é o respeito, que constitui sua formação moral e se transforma no aprimoramento das suas relações interpessoais.

Como vimos na fala da Professora 4, é necessário que ocorra a valorização do respeito juntamente com as crianças para que elas compreendam as diferenças existentes e respeitem todos que são parte do seu convívio na escola e em outros ambientes.

Como já abordado, a afetividade compreende as possibilidades que o indivíduo tem de ser afetado e impulsionado nas suas relações com o mundo, diante das respostas observamos que os sentimentos abordados pelas professoras demonstram a importância da temática para a educação, visto que o ser humano está na construção do seu conhecimento e necessita de um ambiente que favoreça o seu crescimento.

Em mais uma pergunta realizada, procuramos compreender se existiam ocasiões em que a criança demonstrava desânimo, apatia ou falta de energia na tentativa de entender se conseguiam identificar as causas desses sentimentos e se trazia alguma interferência na aprendizagem. Destacamos as falas das Professoras 1 e 3:

Professora 1

“Algumas aulas eles não se interessam muito pelo assunto, ou aqueles que têm problema, dificuldade na aprendizagem, eles se recusam a fazer as atividades... E todo mundo vê seu fracasso, então se ele está fracassando na escola, ele não gosta né de demonstrar, a gente consegue identificar assim a causa.”

Professora 3

“Quando tem algum conteúdo muito chato, que até mesmo eu percebo assim, uma atividade que pra eles é cansativa, ai ficam mais agitados, enfadados, a gente percebe. Mas como a gente tem que cumprir aquilo dali. Falo com eles, vamos parar um pouquinho, fazer um exercício físico com as mãos, só pra dá uma quebradinha e eles retornarem.”

Fazendo uma análise das falas apresentadas, percebemos que para as professoras, a falta de interesse e de energia apresentado pelas crianças, tem uma relação direta com o conteúdo abordado. Vale salientar que por mais que o assunto seja enfadonho, é necessário para a aquisição dos conhecimentos do aluno e compete ao professor buscar métodos que tornem a aprendizagem interessante despertando a concentração e o foco na atividade. Mais uma vez, é preciso da reflexão do professor sobre sua própria prática para atender as necessidades encontradas em sala de aula.

De acordo com Freire (1996, p. 22), “na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.” Analisar a forma como estão sendo oferecidas aos alunos as atividades, para significar o processo de construção do professor e também do aluno.

Na fala da Professora 2, temos uma visão diferente das outras entrevistadas, a mesma traz a questão familiar como obstáculo para a criança aprender:

Professora 2

“Quando acontece algum problema em casa, você vê que a criança tá diferente... A maioria dos problemas é separação dos pais. Elas se sentem muito abandonadas. Ai é uma situação muito difícil, eu falo com a psicóloga e tudo, mais é muito difícil.”

Nos tempos atuais, devemos considerar as várias configurações das famílias existentes que difere do modelo da família burguesa o qual tínhamos no passado. Diante disso, é necessário que a escola e a família estejam envolvidas na vida educativa da criança, em que os contextos diversos sejam conceituados em sala de aula, para evitar sentimentos que afetam a criança negativamente no seu aprendizado e desempenho na escola.

Segundo Bruno Neto (2012, p. 23), Wallon trata da questão do meio em que a criança está inserida com ênfase na formação do ser humano, reforçando que

O modo como o ser humano reagirá a determinadas situações de afeto ou quaisquer que sejam as situações pela qual passar, dependerá muito do meio. Uma vez que o meio molda a personalidade humana.

Se a criança no meio familiar não encontra o apoio para entender os fatos que acontecem e expressar seus sentimentos, será então na escola que poderá receber a assistência de outros profissionais capacitados que juntamente com o professor na sala de aula possam oferecer um ambiente em que o aluno se sinta bem e capaz de compreender a sua realidade e ter sucesso no aprendizado.

A afetividade se torna presente também na relação de confiança existente entre professor e aluno, por isso é outro aspecto abordado nas entrevistas para analisarmos a

partir das concepções das professoras e de acordo com as suas experiências se realmente ocorre na sala de aula.

Professora 1

“O professor ainda é, pelo menos para os pequenos né, ainda é uma autoridade. É uma referência.”

Professora 2

“Quase todos, eu não vou dizer todos, não existe essa redundância, mas quase todos confiam muito.”

Professora 3

“Sim, a maioria sim confiam. Porque a gente revela segurança pra eles.”

Professora 4

“Eu acho que existe essa relação de confiança.”

Nas falas de todas, constatamos que a confiança se mantém presente na relação entre professor e aluno, comprovando que a criança se sente segura e valorizada na relação que constitui com o professor, sendo aspectos afetivos capazes de impulsioná-la positivamente no seu desenvolvimento.

Uma atitude, construída com base na confiança mútua, significa a concretização de uma relação dialógica e pressupõe os aspectos: a parceria; a generosidade que leva à humildade, a dúvida, a espera, a sintonia, o resgate da beleza de aprender e viver. (JOSGRILBERT, 2002, p. 86).

É nessa relação afetiva que o professor tem a capacidade de desenvolver ações em sala de aula de maneira atrativa, trazendo sentido para cada aluno construir seu processo de aprendizagem.

Diante disso, Ranghetti (2002) enfatiza que o meio e os sujeitos são fatores fundamentais para o progresso da criança, que afeta e é afetado por intermédio das relações que são estabelecidas no convívio social. Com a influência da afetividade na aprendizagem da criança, foco central dessa pesquisa, afirmamos que o contexto escolar poderá contribuir na construção da identidade da mesma nos aspectos cognitivos, afetivos e sociais.

No processo de ensino-aprendizagem, o professor tem a capacidade de transformar e movimentar o aluno em sala de aula para que o conhecimento seja apreendido. Nesse

contexto, o diálogo é outro aspecto afetivo determinante para um bom convívio entre os sujeitos participantes. Diante de sua importância para a vida das pessoas em todos os âmbitos sociais, temos outra questão formulada para as professoras responderem, no qual perguntamos se havia algum momento de diálogo com os alunos em sala de aula. As respostas foram as seguintes:

Professora 1

“Quando acontece alguma situação, a gente abre o debate na sala.”

Professora 4

“Com frequência, principalmente quando acontece algum conflito. Cada conflito acontecido é momento de conversa, para refletir para que eles reconheçam o que foi de errado que aconteceu e uma certa conversa pra que esse tipo de coisa vá diminuindo, então eu sempre converso com eles, e assim, pra eles próprios começarem a perceber, eles próprios começam a julgar né o que é certo e o que é errado. No começo do ano a gente tem assim, um dialogo bem pertinente nesse sentido, sem que haja algum conflito, só em termos de orientação, de construção de regras.”

Na fala das Professoras 1 e 4, se percebe que ambas tiveram respostas semelhantes, no momento em que trazem a questão do diálogo relacionando aos momentos de conflitos entre os próprios alunos que necessitam de uma conversa e de reflexão para que não seja algo que aconteça constantemente.

Ranghetti (1999) aborda a importância de uma educação com base na afetividade em que pode ser manifestada através do diálogo, demonstrando a presença de uma relação que considera o ser humano de forma integral. Na fala da Professora 2, é relatado o diálogo como uma forma de descontrair a turma e deixa-los mais a vontade para falar sobre assuntos diversos da vida. Com isso, a professora afirma que juntamente com a observação percebe as particularidades de cada um na forma espontânea que as mesmas se expressam.

Professora 2

“Eu converso com eles sobre coisas da vida, eles riem bastante (risos), tem muita roda de conversa, eu os deixo bem à vontade, que a idade a gente tem que ter esse cuidado. E aquela conversa eu já tô pescando coisas que eles nem imaginam.”

Percebemos que o diálogo é um princípio fundamental para uma boa relação em qualquer âmbito social, e na escola, deve-se considerar a importância desse espaço para o crescimento da criança de forma positiva, em que a comunicação traz informações que contribuem para sua formação como ser humano.

A Professora 3 discorre novamente sobre a questão do tempo, demonstrando mais uma vez, como algo simples pode criar obstáculos para um envolvimento maior e de mais qualidade em sala de aula.

Professora 3

“Quando tem alguma situação a gente conversa quando dá, e é final de semana, o que fizeram hoje e geralmente assim... Tem conteúdos que eles tendem a ter essa conversa. Conversa informal sobre alguma realidade daquele conteúdo, sobre diferenças, sobre família. Não como é o ideal né, porque tudo tem o seu tempo marcado.”

Por outro lado, a professora relata que o diálogo também acontece quando se está estudando algum conteúdo, o que demonstra ser um momento em que a criança pode participar e interagir com as outras crianças, tornando o ambiente mais favorável para o aprendizado, instigando o interesse dos mesmos em se comunicar e expressar seus conhecimentos. O professor estabelece a partir disso “[...] uma reflexão pelo canal do diálogo com o momento vivido e extraí dele questionamentos singulares, para ampliar o horizonte de pensamento e prática educacional.” (KACHAR, 1999, p. 110).

Diante das análises dos dados coletados e apresentados, observamos que entre as várias concepções apresentadas, a afetividade se faz presente no ambiente escolar conforme as experiências de cada professora. E apesar de sua presença nas falas, ainda é precisamos considerar a sua importância enquanto profissional nessa fase da criança, que passa por diversos desafios e mudanças, precisando desenvolver um bom aprendizado.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho apresentado teve como objetivo principal compreender a partir da visão das professoras como se dá a influência da afetividade na aprendizagem da criança nos anos iniciais do ensino fundamental. Com isso, buscamos, através do estudo, entender a relação da afetividade na formação do ser humano e na aprendizagem da criança, trazendo aspectos relevantes para a relação entre professor e aluno e do aluno com o objeto de conhecimento.

Realizando várias leituras relacionadas à afetividade na educação, percebemos a importância dessa temática no período dos anos iniciais do ensino fundamental, por ser uma fase em que a criança está enfrentando desafios quanto à aquisição da leitura e da escrita e que pode afetar e ser afetado diante de situações ou circunstâncias no qual os seus sentimentos e emoções ficam em evidência, necessitando do auxílio do professor para o seu desenvolvimento integral.

Abordamos esta relação, entre a dimensão afetiva e cognitiva, a partir das teorias de Henri Wallon e Jean Piaget, no qual ambos tratam da afetividade na formação do ser humano, para entendermos a relevância da temática para a educação, o que representa um dos objetivos específicos deste trabalho.

Outro objetivo específico abordado foi sobre a afetividade e a aprendizagem, em que apresentamos aspectos que contribuem para essa relação tão importante e necessária na nossa contemporaneidade com a intenção de refletir sobre o aluno no seu desenvolvimento total, com ênfase na relação afetiva entre professor e aluno.

Com base na análise dos dados, consideramos que os objetivos da pesquisa foram atingidos de forma satisfatória, analisando a participação das professoras do primeiro e segundo do ensino fundamental, que contribuíram de maneira positiva na realização das entrevistas com seus relatos e experiências, demonstrando em suas respostas a indissociabilidade da afetividade na aprendizagem, que ocorre por meio de vários aspectos observados no ambiente escolar.

Diante dos resultados obtidos, ficou constatado que a afetividade é capaz de mover a aprendizagem e que diante de situações positivas ou negativas vivenciadas pelo aluno, poderá leva-lo a sentimentos de sucesso ou de fracasso, o que pode dificultar seu processo de aprendizagem. O aluno precisa ter experiências que possa encoraja-lo para a realização das atividades com a mediação do professor para auxiliar sempre que necessário.

Vale salientar a necessidade de uma maior integração entre a escola e a família no processo educativo para que a criança se desenvolva e tenha o apoio e o incentivo necessário, para deixar transparecer todo o potencial que existe dentro de cada uma. Nesse processo o professor da atualidade tem um papel ainda mais desafiador por ter em sala de aula, crianças de diversas configurações familiares que necessitam reconhecer seus sentimentos e emoções para que tenha êxito no seu aprendizado.

O professor tem a sua frente crianças com capacidade de construir seu aprendizado com base em uma relação em que a afetividade precisa se fazer presente de maneira positiva para garantir o crescimento de todos e uma formação crítica do aluno diante de situações diversas que ocorrem na nossa sociedade. Refletir sobre a importância do meio para a vida de um aluno é considerá-lo em sua plenitude, por isso que na ação pedagógica o professor precisa dar o seu melhor, planejar sobre a metodologia mais adequada para seus alunos, para que as expectativas como profissionais e quanto ao objeto de conhecimento não se transformem em conteúdos memorizados e sem nenhum significado.

De toda forma, as concepções das professoras e os aspectos discutidos relacionados à afetividade foram relevantes para nos ajudar a superar o conceito de afetividade ser direcionado especificamente a sentimentos de amor e de carinho, pois afetar e ser afetado pelo outro envolve vários princípios que fazem parte da formação do ser humano, como a valorização, a atenção, o apoio, o respeito, a confiança e o diálogo. Questões que fazem parte de toda relação humana e que na educação necessita de uma atenção maior para que a criança seja protagonista da sua história, na construção do seu conhecimento.

Este trabalho foi de grande relevância para minha formação profissional, por levar em consideração os conhecimentos adquiridos ao longo do curso e o entusiasmo que surgiu dentro de mim em abordar a afetividade na educação. Acredito que em meio às reflexões que realizamos no decorrer da nossa formação, contribuí para nosso desenvolvimento pessoal e que reflete nas ações que passamos a praticar diante da nossa profissão.

Este trabalho poderá servir como base para aprofundamento da temática, a partir de estudos específicos que veem na afetividade uma relevância dentro dos processos de ensino-aprendizagem, podendo ser feita uma investigação sobre histórias e lembranças dos sujeitos que tiveram sua vida marcada por um professor memorável. Todos nós temos em nossas vidas professores que marcaram nossa trajetória escolar e que nos afetaram de alguma forma contribuindo para a nossa formação como ser humano. É diante dessa

perspectiva, que a afetividade ganha espaço quando está se torna inerente a toda ação educativa.

REFERÊNCIAS

- AFETIVIDADE. Dicionário online Michaelis, 02 jan. 2019. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/afetividade/>>. Acesso em 02 jan. 2019.
- ALMEIDA, L. R. de; MAHONEY, A. A. (orgs.). **Afetividade e Aprendizagem: contribuições de Henri Wallon**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- AMORIM, M. C. S. de; NAVARRO, E. C. - **Afetividade na Educação Infantil - Interdisciplinar: Revista Eletrônica da Univar** (2012) n.º 7 p. 1 – 7.
- ANDRADE, M. M. de; **Introdução á metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**, 8. Ed. – São Paulo: Atlas, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.
- BRUNO NETO, G. **Uma breve visão sobre a afetividade nas teorias de Wallon, Vygotsky e Piaget**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Biológicas). Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2012.
- DAVIS, C. OLIVEIRA, Z. de. **Psicologia na Educação**. São Paulo: Cortez, 1994. – 2. ed. rev – (Coleção Magistério. 2º grau. Série formação do professor).
- Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica/ Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. – Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013, p. 86.
- FIGUEIREDO, J. S. G. **As relações de afetividade no processo de ensino e aprendizagem nas turmas do ciclo de alfabetização** / Jéssica Soares Gomes Figueiredo, Raquel de Carvalho Sales. – João Pessoa: UFPB, 2016.
- FREIRE, P. **Carta de Paulo Freire aos professores**. Ensinar, aprender, leitura do mundo, leitura da palavra. Estudos avançados. Educação Básica. 2001.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. 1996, digitalização: 2002. Coletivo Sabotagem.
- GALVÃO, I. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis – RJ: Vozes, 1995. (Educação e conhecimento).
- GIL, A. C.; **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**, 6. Ed. - São Paulo: Atlas, 2008.
- GONSALVES, E. P. **Conversas sobre iniciação a pesquisa científica**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2018.

GRATIOT-ALFANDÉRY, H. **Henri Wallon**. Tradução e organização Patrícia Junqueira – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

JOSGRILBERT, M. de F. V. Atitude. **In: FAZENDA, Ivani**. Dicionário em Construção Interdisciplinaridade. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

JOSGRILBERT. Maria de Fátima Viegas. Afetividade. **In: FAZENDA, Ivani**. **Dicionário em Construção: Interdisciplinaridade**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002. p.86.

LA TAILLE, Yves de. OLIVEIRA, Marta K. de. DANTAS. Heloysa. **Piaget, Vygotsky e Wallon. Teorias Psicogenéticas em discussão**. São Paulo. Ed. Summus. 1992.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. Verbete Escola Nova. **Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educabrazil**. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <<https://www.educabrazil.com.br/escola-nova/>>. Acesso em: 20 de mai. 2019.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. – 13 ed. – São Paulo: Hucitec, 2013, p. 262.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Editora Vozes: Petrópolis, 2002.

MOTTA, F. M. N. **De crianças a alunos: transformações sociais na passagem da educação infantil para o ensino fundamental**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.37, n.1, 220p. 157-173, jan./abr. 2011.

MUNARI, A. **JEAN PIAGET**. Recife – Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores).

NEVES, A. M. **Desejo de saber e anorexia ao saber**. Revista Psicopedagogia, 2004; 21 (64): p. 19 A 29.

NEVES, V. F., GOUVÊA, M. C. S., CASTANHEIRA M. L. **A passagem da educação infantil para o ensino fundamental: tensões contemporâneas**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 37, n. 1, 220p. 121 – 140, jan/abr, 2011.

OLIVEIRA, C. de. **Afetividade nos dizeres dos professores: percepções e concepções acerca do tema**. X ANPED SUL, Florianópolis, SC, Outubro, 2014.

OLIVEIRA, M. M. de; **Como fazer pesquisa qualitativa**. 3º ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

PIAGET, J. **O nascimento da inteligência na criança**. Coleção Plural, Outubro 1986. (falta).

PIAGET, J. **Seis estudos de Psicologia** – 24 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

PIAGET, Jean. **Relações entre a afetividade e a inteligência no desenvolvimento mental da criança**. Tradução e organização: Cláudio J. P. Saltini e Doralice B. Cavenaghi. Rio de Janeiro: Wak, 2014.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. – 2. Ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013, p. 110.

RANGHETTI, Diva Spezia. Afetividade. **In: FAZENDA, Ivani. Dicionário em Construção Interdisciplinaridade**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

ROCHA, R. P. S. **Afetividade e emoção na sala de aula: um diálogo com Henri Wallon**.

RUDIO, F. V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. Petrópolis: Vozes, 1986.

SALTINI, C. J. P., CAVENAGHI, D. B. (org. e tradução original). Jean Piaget - **Relações entre a Afetividade e a Inteligência no desenvolvimento mental da criança**. Editora Wak. Rio de Janeiro: 2014.

SARMENTO, N. R. G. **Afetividade e aprendizagem**. Porto Alegre, 2010.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUSA, M. M. de., SARMENTO. T. **Escola – Família – Comunidade: uma relação para o sucesso educativo**. Gestão e Desenvolvimento, 2009-2010, p. 141 a 156).

VEIGA, I.P.A. et al. **Didática: O ensino e suas relações**. Papirus: Campinas. 13 ed. 1996.

Vygotsky, L. S. **Psicologia Pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. 1968, p. 233. Edições 70. Persona e Psicologia.

WALLON, H. **As origens do pensamento na criança**. São Paulo: Manole, 1986, p. 90.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (T.C.L.E.)

Fui convidado (a) a participar como voluntário (a) de uma pesquisa, recebendo da pesquisadora responsável, **Soraya Ramos Nogueira, matrícula 11317127**, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido destinado à análise da afetividade em sala de aula nos anos iniciais do ensino fundamental, sendo orientada pelo Prof. Drº Edson Carvalho Guedes, na elaboração do Trabalho de Conclusão do Curso, com o título: A influência da afetividade na aprendizagem da criança nos anos iniciais do ensino fundamental. A pesquisa respeitará todos os aspectos éticos previstos na resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Com isso, aceito responder as perguntas da entrevista que se destina a pesquisa acima, que visa verificar o entendimento das professoras a partir de suas experiências sobre a afetividade e como se dá sua aplicação em sala de aula. O presente estudo não traz prejuízo nenhum aos participantes.

A Responsável: Soraya Ramos Nogueira, e-mail: sorayasramos@hotmail.com está ciente que sempre que eu desejar será fornecido esclarecimentos acerca de cada etapa da pesquisa. Que, a qualquer momento, eu poderei recusar a minha participação no estudo, e também posso retirar este meu consentimento, sem que isso me traga qualquer penalidade ou prejuízo. As informações contidas da minha participação não permitirão a identificação da minha pessoa, exceto aos responsáveis pelo estudo.

Receberei uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Finalmente, compreendi perfeitamente tudo o que foi informado (a) sobre a minha participação no mencionado estudo.

Participante

Pesquisador (a)

João Pessoa, ____ de _____ de 20____.

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA

Identificação:

1. Nome: _____
2. Idade: _____
3. Sexo: Feminino () Masculino ()
4. Formação Acadêmica:
Normal / Magistério: () Sim () Não
Curso de Licenciatura () Sim () Não
Se sim, qual? _____
5. Ano de conclusão do curso? _____
6. Possui pós-graduação? () Sim () Não
Se sim, qual? _____

Informações Profissionais:

7. Vínculo com a escola:
() Concurso público () Contrato
() Outro. Qual? _____
8. Tempo de experiência como professor(a): _____
9. Jornada de trabalho semanal: _____

Condições / ambiente de trabalho:

10. Quantidade de crianças na turma que você leciona: _____
11. Faixa etária das crianças da turma que leciona: _____
12. Possui auxiliar de sala? () Sim () Não
13. Apoio para realização das atividades:

- a. Por parte da equipe pedagógica da escola:
 Sempre Quase sempre Raramente Nunca
- b. Por parte dos (as) colegas professores (as):
 Sempre Quase sempre Raramente Nunca
- c. Por parte dos (as) dos (as) funcionários da escola:
 Sempre Quase sempre Raramente Nunca
- d. Por parte da família:
 Sempre Quase sempre Raramente Nunca

Obrigada pela participação!

APÊNDICE C - ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Pesquisa: A influência da afetividade na aprendizagem da criança nos anos iniciais do ensino fundamental.

1. A partir da sua experiência, o que é necessário para que o processo de aprendizagem de uma criança tenha bons resultados?
2. Você acha que a dimensão afetiva interfere nos processos de aprendizagem? Se sim, de que modo? Como você pode constatar isso?
3. Você acha que a criança consegue se expressar nas aulas?
4. O que é preciso para desenvolver em sala de aula um bom relacionamento com os alunos?
5. Você percebe quando a criança tem interesse em algum conteúdo ou assunto? (Porque será que isso acontece, vê se o entrevistado lembra-se de algum relato para contar).
6. Como você expressa a valorização que você tem pelos seus alunos?
7. Você acha que a criança se sente respeitada na escola? (explorar mais)
8. Você se lembra de alguma situação em que seus alunos demonstraram pouca energia, desânimo, apatia? (você tem ideia de quais poderiam ser as causas?).
9. Isso interfere na aprendizagem?
10. Você acha que os alunos confiam nos(as) professores(as) da escola?
11. Você tem algum momento de diálogo com seus alunos?

Obrigada pela participação!